

Revista Cultural da Fundação Lapa do Lobo

novo

ui • vo

Nome masculino

1ª pessoa singular

Presente indicativo do verbo uivar

A voz do lobo

O uivo é o meio dos lobos comunicarem entre si. Normalmente desagradável ao ouvido humano, o uivo é o som emitido pelo animal canino, habitualmente sozinho, a pedir companhia. É um ruído que, por ser contagiante, funciona também como meio de comunicação de longa distância entre matilhas ou entre alcateias. O uivo de um lobo é capaz de alcançar 1 km.

Revista Cultural da Fundação Lapa do Lobo

A Revista Uivo é uma publicação anual, editada pela Fundação Lapa do Lobo.

Tem como objetivo partilhar ideias, pensamentos, projetos, memórias e reflexões de e sobre pessoas, entidades, organizações e lugares que, de alguma forma, fazem parte do percurso cultural trilhado pela Fundação Lapa do Lobo durante o ano.

A Revista Uivo é capaz de alcançar os nossos sonhos.

Revista UIVO
N.º 3 | julho 2024

Periodicidade anual
Distribuição gratuita

Propriedade

Fundação Lapa do Lobo
Rua de Santa Catarina, n.º 30
3525-625 Lapa do Lobo
Tel. 232 671 084
geral@fundacaolapadolobo.pt

Coordenação

Carlos Torres
Maria do Carmo Batalha
Rui Fonte

Edição

Rui Fonte

Colaboração nesta edição

Luís Umbelino
Vítor Garcia
Miguel Gouveia
Tânia Cardoso
Ana Seia de Matos
Joana Rita Sousa
Manuel Rocha
Cláudia Lucas Chéu
Rita Canas Mendes
Vasco d'Ayala

Foto de Capa

Ana Carvalho

Design e paginação

Maria Morais

Impressão e acabamentos

Novel Gráfica, Lda.

Depósito Legal

xxxx/23

ISSN

2795-5605

Também disponível em:
www.fundacaolapadolobo.pt

DESPACHO:

Permutado

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DA RASURA

AUTORIZADO

Distribuído para leitura em 24.1.06/24.

Recebido em 22.1.06/24.

RELATÓRIO N.º 2807

Autor: Fundação Lapa do Lobo

Tradutor: -

Editor: Rui Fonte

Proveniência: Requisitado para censura aprovação

"UIVO"

Parece obra de ficção, mas trata-se de vidas reais. As pessoas e lugares, os projetos e os sonhos aqui descritos são a matéria de que os próprios autores são feitos, em celebração evidente de uma liberdade conseguida com muito esforço. Isso mesmo o editor declara no Editorial.

Retrata um meio rural, mas nobre, onde se sente formar um orgulho em ser português e beirão. Partilha a alegria daqueles que se sentem abençoados por viverem numa região que gosta e gosta de cultura. Exalta, de forma gratuita, o entusiasmo dos que privilegiam a educação e valorizam o ato pedagógico.

A obra retrata um ano de vivência na aldeia da Lapa do Lobo, onde artistas, companhias, parceiros e públicos de todas as idades usufruíram das iniciativas da Fundação Lapa do Lobo.

Parece-me, creio, que tudo isto tende a criar no juízo do leitor uma sensação de aprazível gosto de viver em liberdade, a favor do estado democrático onde vivemos há 50 anos.

Sendo este já o 3.º número, é de deixar publicar, pois periódicos destes fazem falta no panorama cultural português.

O Leitor



Editorial



Rui Fonte

Diretor de Programação
da Fundação Lapa do Lobo

Em ano de celebração do 50º aniversário da Revolução dos Cravos, a 3ª edição da “Uivo: Revista Cultural da Fundação Lapa do Lobo” é maioritariamente dedicada a essa efeméride.

No artigo central, intitulado “As portas que abril abriu”, num ousado título que pedimos emprestado a um imponente poema da autoria de Ary dos Santos, solicitámos a 25 mulheres que imprimissem a sua opinião sobre o que lhes trouxe a revolução dos cravos. Essas mulheres, sem importar o nome, deram a cara e o seu parecer, sem receio de censura, desaprovação ou perseguição. Mas não ouvimos apenas os adultos. Numa tentativa de prever o futuro, desafiámos as crianças que frequentam o Atelier das Artes da Fundação Lapa do Lobo a imaginar os festejos do 100º aniversário do 25 de abril de 1974, no longínquo ano de 2074. Ao ler o artigo, percebemos que os desejos, já nesta idade, são pautados de equilíbrio e harmonia, prova de que o futuro em consciência está, por estes exemplos, assegurado.

Nos artigos de opinião, pedimos a três personalidades nacionais, de diferentes áreas do saber, que escrevessem sobre liberdade. É interessante perceber a pers-

petiva da filósofa e perguntóloga Joana Rita Sousa, que nos pergunta se “pensar liberta?”. Manuel Rocha, Diretor do Conservatório de Música de Coimbra, recorda-nos que “a liberdade é o caminho”. Cláudia Lucas Chéu, escritora, poeta e argumentista, conta-nos que “pés descalços não podem ler”.

A conversa deste ano dá a conhecer Angelina Matias, nascida e criada na Lapa do Lobo. Foi enfermeira, com especialidade em psiquiatria. Das muitas histórias partilhadas, disse-nos que estava em Lisboa no dia 25 de abril de 1974 e que assistiu a tudo pela rádio e, mais tarde, na própria rua.

Estreamos também um novo tópico da “Uivo”, o Testemunho. Um texto dito ou escrito na primeira pessoa, da autoria de alguém que tenha testemunhado um acontecimento importante. No contexto de abril, demos voz a um lapense, que conta a aventura que foi regressar à Lapa do Lobo, vindo de África, no pós-25 de abril de 1974. O testemunho é da autoria de António Cândido Garcia, mais conhecido por Xindera, num título [O Retorno], inspirado, desta vez, no livro com o mesmo nome de Dulce Maria Cardoso.

Este ano marca também a estreia de “Quando elas de juntam”, um ciclo de mesas redondas onde várias mulheres, de diferentes áreas, puderam manifestar as suas opiniões acerca das circunstâncias da morte, da política e da liberdade.

Uma edição, como as outras, sem censura, onde a liberdade é o mote para a criatividade, sem ignorar o que isso traduz em questões de responsabilidade.

A “Uivo” dedica também parte das suas páginas à memória, em simbiose com a 3ª edição da Lapa do Lobo Aldeia Cultural, cujo tema é precisamente a relação entre a memória e a cultura.

Convidámos Luís Umbelino, Professor Universitário, a reproduzir o discurso proferido na apresentação da Exposição de fotografia “Proceed to the route or remembering”, da autoria de Vítor Garcia. “As memórias dos outros”, instalação artística em exibição durante a Aldeia Cultural, entre 25 e 28 de julho deste ano, é também tema abordado nesta edição.

O artigo elaborado pelo Serviço Educativo também evoca a memória, ao explorar o conto “A Manta do José”, num texto repartido pelo escritor e editor Miguel Gouveia, pela cantora Tânia Cardoso e pela artista Ana Seia de Matos.

Diretamente relacionado com a memória é a viagem que fazemos até 2014, para recordármos o que aconteceu na Fundação Lapa do Lobo há 10 anos.

Mas o tema da memória não se esgota nestes exemplos. Toda a revista é um elogio às diferentes memórias. É um louvor ao passado, que, com talento e habilidade, é trazido para o presente através de inúmeras intervenções artísticas a que a Fundação Lapa do Lobo deu palco e luz. Protagonistas que todos os dias nos oferecem a certeza de que a tradição, em equilíbrio com a inovação, fará para sempre parte do que somos.

À Fundação Lapa do Lobo, à “Uivo” em particular, compete dar voz a todos os que transportam em si memórias e as partilham com os outros, através de trabalhos artísticos, desde a literatura, à pintura, passando pelo teatro, música, cinema, dança e tantas outras disciplinas artísticas.

A Revista “Uivo” é para todos. Porque se o uivo é um grito solitário de um animal a pedir companhia, também é uma forma de comunicar à distância.

Que o nosso alcance seja longínquo no espaço e no tempo. ●

ÍNDICE

p. 08

Carlos Freitas
Perfil



p. 13

A Casa da Praia



p. 17

A Manta do José



p. 23

Xindera
O Retorno

p. 28

Pensar liberta?

p. 30

A liberdade é
o caminho

p. 31

Pés descalços
não podem ler



p. 34

Angelina Matias
Conversa

p. 42

Quando elas
se juntam!

p. 45

Frango desfiado com
batata-doce e coulis
de framboesa

p. 47

As portas que
abril abriu



"O 25 de abril trouxe liberdade
para falarmos sem medo"

p. 68

O mundo de
Lobo Antunes

p. 73

Museu do Falso

p. 74

Lugares abril



p. 71

As memórias
dos outros

p. 82

100º aniversário
da Revolução
dos Cravos

p. 84

Há 10 anos
na FLL

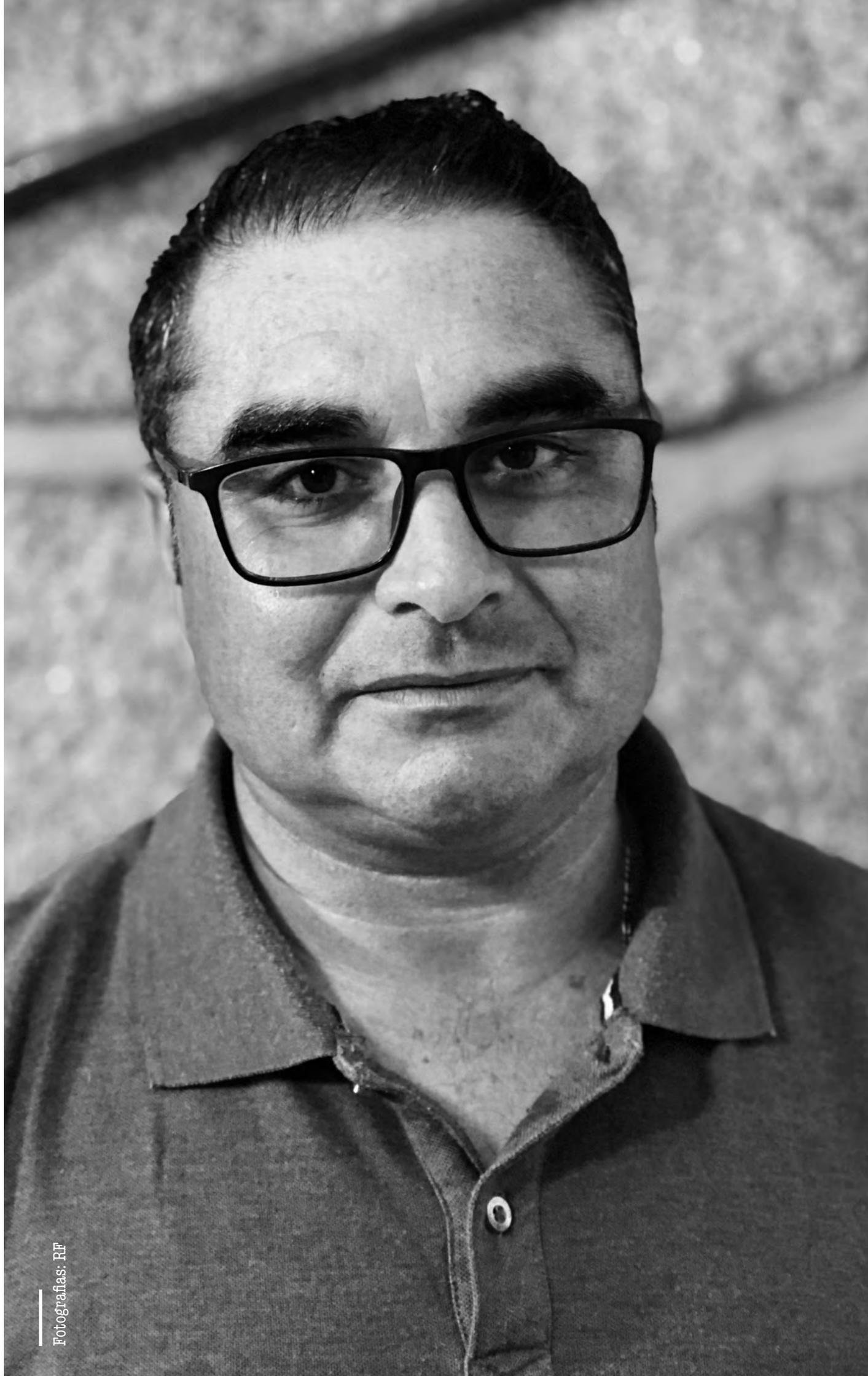
p. 96

A Infâmia
Contemporânea

p. 98

A Rádio
Objeto

Fotografías: RF



Perfil

Carlos Freitas

Carlos Manuel Marques de Freitas tem 50 anos. Nascido e criado na Lapa do Lobo, onde vive. Veio ao mundo com apenas sete meses de vida e tinha exatamente 41 dias quando se deu a Revolução dos Cravos. Não se considera filho da revolução, mas acha graça à coincidência. Orgulha-se dos seus pais Maria Manuela Marques de Freitas e Manuel Pires de Freitas.

Nasceu em casa da avó paterna, a D. Aida, que também foi a parteira de serviço. Como era muito pequenino, a avó colocou-o numa caixa de papelão embrulhada em algodão, para servir de incubadora. A avó materna, a D. Ester, tinha deixado de falar ao genro e à sua própria filha quando soube que esta já ia grávida no dia de casamento. Carlos sente-se abençoado porque no dia em que nasceu, a avó Ester pegou-o nos braços e fez as pazes com os pais dele.

É o mais velho de três irmãos. Passou uma infância de alegria e brincadeira. Como não havia dinheiro para comprar brinquedos, brincavam aos cowboys, com pistolas de madeira que eles próprios faziam. Jogavam ao peão, à carica, ao berlinde e à apanhada. Tem saudades desses tempos e lamenta que agora, por força da evolução, os pais não possam deixar os filhos brincar na rua.

Aos 6 anos entrou para a Escola Primária da Lapa do Lobo, onde completou o ensino primário. Chumbou dois anos (3º



e 4º) por não estudar e não estar atento nas aulas. Seguiu a escolaridade na Escola C+S de Canas de Senhorim, atual sede do Agrupamento de Escolas de Canas de Senhorim. A sua disciplina preferida era matemática e teve dificuldades na escrita, em história, ciências e inglês.

Passou a adolescência entre o futebol, o ténis de mesa e a pesca desportiva. Também fez parte do Rancho Folclórico da Lapa do Lobo, onde vestia o traje de noivo. Mas deixemos o casamento para mais tarde.

No final das aulas e nas férias de verão, ajudava os pais nos campos de cultivo, onde plantavam batatas, couves, alfaces, morangos, salsa e semeavam amendoim e milho. Também tinham videiras, laranjeiras, tangerineiras, macieiras e outras plantações.

Sonhava ser marceneiro e operador de máquinas agrícolas.

Reconhece ainda hoje a importância de deixar a escola com 14 anos e começar a trabalhar como aprendiz de marceneiro na fábrica do Sr. Tomás, em Fiais da Telha. Confessa que, ao início, lhe custou um pouco, tendo até pensado em regressar à escola. Depois as coisas encarreiraram. Apesar de ganhar pouco, conseguiu poupar para comprar uma bicicleta nova, depois uma mota e no fim um carrito usado.

Sempre assíduo e pontual, aprendeu a trabalhar nas máquinas a serrar e moldurar madeiras. Fazia móveis, aros, portas, janelas, guarnições, caixilhos e quase todo o tipo de trabalho com madeiras.

Aos 20 anos teve que parar de trabalhar, para fazer o Serviço Militar Obrigatório. Esteve em Viseu e depois na Amadora. Quando acabou o serviço militar, recusou a proposta para lá ficar. Tinha muitas saudades da rotina da aldeia, do sossego.

De regresso às origens, voltou ao trabalho antigo e começou a namorar a Paula, com quem casou, quatro anos depois, em 1996. Em 1999, emigram para Inglaterra, onde ficaram 10 anos, com a intenção de comprar uma casa na Lapa do Lobo sem pedir empréstimo.

Teve dificuldades na adaptação, porque sabia falar pouco inglês. Às vezes tinha que recorrer a alguns colegas portugueses para traduzir o que lhe mandavam fazer. Nos primeiros 5 anos, trabalhou num restaurante, onde começou a lavar pratos e acabou como cozinheiro.

Em 2004, nasceu a Vanessa, a primeira filha. Com a família a aumentar as necessidades eram maiores. Decidiu arriscar na arte de marceneiro, apesar das dificuldades na língua. Nem sabia dizer prego em inglês. Desta vez estudou a sério.

Em 2008, nasceu o filho Rodrigo e regressa à Lapa do Lobo um ano depois. Trabalhou novamente como marceneiro numa fábrica em Nelas, que entrou em insolvência quatro anos depois. Meio ano depois, nova aventura como rosto da Associação Desportiva e Cultural Lapense (ADCL), na manutenção e como empregado de balcão. Porém, tem uma ligação com a ADCL que ultrapassa a de funcionário. É sócio desde 1988. Revela com orgulho o número 254. O principal motivo que o levou a ser sócio foi ajudar e contribuir financeiramente para a Associação, mas também poder participar em algumas atividades. Ao longo dos anos, já participou em jogos de futebol, jogos da malha, sueca, ténis de mesa, passeio de pasteleiras, BTT e pesca desportiva. Apesar de já não ser funcionário, é presença assídua na Associação. Tem como desejo praticar pesca desportiva. Acredita que um dia será o dia. Por enquanto, limita-se a umas caminhadas ou a andar de bicicleta para mater o exercício físico.

Admite que, apesar de se dar bem com todas as pessoas e manter com elas boas relações, aprendendo sempre, também gosta de ficar por casa, a pesquisar ideias e invenções na internet. Às vezes também põe em prática essas ideias. Mostra com orgulho um torno para tornear madeira e as respetivas goivas. Conta que utilizou o motor de uma máquina de lavar roupa e metais reciclados para o construir. Acrescenta às invenções uma grade de dentes com ferro, que tinha como destino a sucata, para acoplar ao trator. Mas a jóia da coroa é o cavaquinho em madeira que construiu, mesmo percebendo pouco de música.



Distrai-se facilmente com a bricolagem. Entre rachar lenha, fresar, lavrar, pensa no que aprendeu ao longo da vida e tem a certeza que uma pessoa deve estar sempre a aprender. Apesar de, em pequeno, ter preguiça para estudar, em adulto já completou um curso de poda e enxertia em viticultura, outro de processos e métodos de proteção fitossanitária e de aplicação de produtos fitofarmacêuticos. Além desses, tem também o curso de poda e enxertia em fruticultura. Considera que essas formações são importantes, quer para uso pessoal, quer surja alguma oportunidade a nível profissional.

Aos 50 anos, os anos da liberdade, os anos de abril, diz que ser livre é fazer o que mais

gosta: passar um dia a pescar no rio, seja com a família, sozinho ou com colegas. Gosta da sensação relaxante que a pesca lhe oferece.

O acontecimento que mais o marcou na vida foi o nascimento dos filhos. Ainda assim, considera que todos os dias que passam ficam marcados para sempre. Acredita que só temos de passar um dia de cada vez, principalmente com saúde.

Espera chegar o mais longe possível. Não tem muitos planos para o futuro. Recebe o que a vida lhe vai dando, dia após dia. Do que ainda está por alcançar, só o futuro dirá se conseguirá ou não. Ninguém sabe o dia de amanhã, conclui. ●

“

A liberdade só existe quando
todos os nossos atos concordam
com todo o nosso pensamento.

Agostinho da Silva
em *Parábola da mulher de Loth*. 1944 1.ª edição
Edição utilizada: Ulmeiro (1998)



A Casa da Praia

Teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser

“Tinham-me dito - porque fica? Fecha-se a capela, vem de manhã. Quis ficar. Esgotar a minha relação com ele. Levar ao fim toda a possibilidade de esclarecimento (...) E há o cheiro intenso a maresia no amanhecer. Levanto-me, dou uns passos na esplanada em frente.

- Não te vás embora, deixa-te estar.

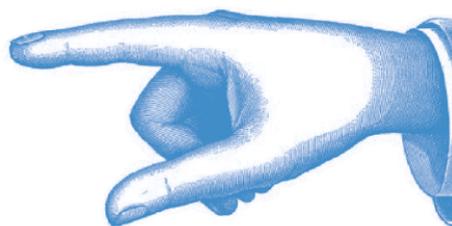
- Não vou, ouço-te bem.

(...) Não há aves ainda. Fixas as barcas ao largo, tremeluzem com o balanço das ondas. O céu empalidece na hesitação do amanhecer.”

Virgílio Ferreira, em *Até ao fim* (1996)



Este espetáculo nasceu de um período de luto. Surgiu da dificuldade que uma filha teve de lidar com a morte de um pai: “Queria recuperá-lo (ao meu pai) no que não sabia dele e da sua vida, e enquanto estivesse dedicada a essa tarefa, teria uma nova vida com o meu pai e a morte não era morte era vida, mesmo que outra espécie de vida”.





E a tarefa de recuperação de vida iniciou-se com entrevistas à família, com a recolha de depoimentos junto de amigos sobre o seu percurso de vida e propiciou, também, uma viagem de grande parte da família de volta a Nampula, Moçambique, um regresso ao fim de 45 anos.

O espetáculo divide-se em 3 cartas, a do avô, a do pai e a da filha e dá conta de uma história de família que acompanha um período da História do nosso país, dos anos 40 do século passado até 2015, seguindo três gerações.

Uma micro-história que começa numa aldeia da Beira Baixa - Decabelos (Pampilhosa da Serra) - passa por Moçambique e regressa a Lisboa, no pós 25 de Abril.

Com interpretação de Anabela Almeida, quem também se responsabilizou pela Direção Artística, o espetáculo recupera essa experiência pessoal, em paralelo com a história de um povo em profunda mudança. Agarra a memória - uma memória única, na primeira pessoa, ou em muitas primeiras pessoas - antes que desapareça para sempre. Histórias de convulsões pessoais, íntimas, cruzadas com a memória coletiva de um grupo e que posteriormente passa a ser a história oficial de um povo.

Numa coprodução do “Teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser” e da Galeria Zé dos Bois, estreou em novembro de 2019, na Galeria Zé dos Bois (Lisboa).

Com cocriação e dramaturgia de Alfredo Martins e imagem de Catarina Braga, a montagem vídeo ficou a cargo de Jorge Jácome. A restante equipa é composta por João Pedro George (consultoria e pesquisa), Ana Maria Simões e Sara Duarte (apoio à pesquisa) e Manuel Poças (produção executiva). ●



Fotografia: Vitor Garcia

PROCEED TO THE ROUTE OF REMEMBERING

Exposição de fotografia, de Vitor Garcia

As linhas, sombras e manchas que vemos quando fechamos os olhos mais parecem vislumbres de pequenas percepções visuais cujas formas tentamos reproduzir numa folha de papel com a esperança de poderem, no desenho, significar alguma coisa. Podemos entendê-las de outra maneira: como se os olhos fechados quisessem guardar a memória dos traços visíveis antes vistos. Que olhos são estes? Que corpo é este? que “guarda” linhas, sombras e manchas no escuro depois destas desaparecerem?

Com efeito, é através desta experiência, da repetição deste gesto de abrir e fechar os olhos que surgem — sem localização determinada, com uma presença efêmera, transitória — linhas, sombras e manchas. Esses corpos flutuantes provocam outra forma de presença que rapidamente se transforma em ausência. Abrem-se e fecham-se os olhos. Suspende-se a explicação científica da fototransdução e abrem-se campos na nossa experiência interior a novos entendimentos sobre essas formas de contornos diversos que nos ativam memórias.

A suspensão da explicação científica permite agir diretamente sobre essas primeiras linhas, sombras e manchas. Só mais tarde, essas primeiras imagens revelam memórias e com elas surge a possibilidade de sermos envolvidos por uma atmosfera que transforma uma sombra inicialmente abstrata em sombras outras. É neste jogo, de adormecer e acordar, de fechar e abrir os olhos que estas linhas, que estas sombras, que estas manchas se foram revelando.

No centro desta exposição encontra-se uma reflexão sobre a “memória do corpo” que entendemos sedimentar-se na memória dos lugares, dos objetos, dos movimentos, dos sons e aromas. Esta nossa experiência, deve ser entendida também, portanto, como um processo de investigação que reflete sobre a estrutura conceptual que temos vindo a desenvolver em torno dos temas da memória e da corporeidade utilizando linguagens artísticas como a fotografia, o vídeo, o áudio, ou outros meios plásticos. ●

Vitor Garcia

Mais informações: www.vitorgarcia.com

“A Manta do José”

Um conto, um livro, um espetáculo e uma exposição

• Tendo como ponto de partida uma história da tradição judaica, adaptada por Miguel Gouveia no livro infantojuvenil “A Manta do José”, o Serviço Educativo da Fundação Lapa do Lobo teve a intenção de proporcionar uma experiência multidisciplinar através de uma exposição, desenvolvida com Ana Seia de Matos, e de um espetáculo de Monda Teatro-Música, que juntou Tânia Cardoso e Rodrigo Crespo.

No livro de Miguel Gouveia aborda-se a passagem do tempo e a cumplicidade entre o neto José e o seu avô alfaiate, capaz de inventar e renovar significados para que uma velha manta, cujo valor sentimental

para José remonta aos primeiros anos de vida, nunca desapareça, mesmo perante a erosão do tempo.

A exposição integrou, no seu espaço cénico, um dispositivo sonoro que permitia escutar a voz de diversos membros da comunidade que partilharam o seu testemunho acerca da relação afetiva com os seus avós.

Para além de terem sido direcionados a público-geral, o espetáculo e a visita à exposição integraram o Plano Anual de Atividades dos alunos do 1º e 2º anos dos Agrupamentos Escolares de Canas de Senhorim, Carregal do Sal e Nelas.





Miguel Gouveia, autor do livro
“A Manta do José”

• Ao medir, cortar e coser este texto, fui tentando adivinhar a altura em que me teria cruzado pela primeira vez com o conto que deu origem ao livro “A Manta do José”. Certo, certo é ter sido há mais de 25 anos, quando me comecei a interessar pela narração oral e pela leitura em voz alta.

Nesses primórdios, que coincidiram com os primeiros anos de ensino, creio não lhe ter dado muita importância, porque me chegou como canção num disco que usava nas aulas de inglês. Sim, este conto terá nascido da canção popular judaica *Hob Ich Mir a Mantl* (algo como “Eu tinha um pequeno casaco/sobretudo”), a qual foi o ponto de partida para o álbum ilustrado «Joseph Had a Little Overcoat», do escritor e designer gráfico norte-americano Simms Taback, publicado pela primeira vez em 1977, e que viria a ganhar uma medalha Caldecott com a sua reedição em 2000. Pergunto-me se haveria já algum conto antes desta canção na qual Taback se inspira, mas suspeito que seja discussão de ovo ou galinha...

Mais tarde, já com as antenas ainda mais afinadas e sensíveis na busca de material para contar, acabei por me cruzar com vários livros da Margaret Read MacDonald, uma contadora, escritora e prolífica antologadora de contos populares de todo o mundo, que curiosamente apresentava este conto em verso, embora sem aludir à canção, em que um alfaiate faz para si um casaco, passando pelo ciclo de reaproveitamento do tecido até que do nada faz uma história, ao contrário de Simms Taback que optou por terminar com uma espécie de moral: “You

can always make something out of nothing”.

Enfim, apenas por estes dois casos, podemos perceber que este é um perfeito exemplo de como um conto popular se vai moldando às muitas bocas e orelhas que o vão contando/escutando e, aproveitando a metáfora da manta, acolhendo ou descartando os retalhos que lhe vão querendo adicionar. Exatamente o que aconteceu nesta “minha” versão: uma mescla de retalhos alheios e pessoais que foi encontrando uma boa reação em orelhas de todos os tamanhos. De de tal forma, que se começou a desenhar a ideia do livro como forma de poder partilhar este conto com mais ouvintes/leitores. E assim nasceu “A Manta do José”, uma adaptação que teve o feliz acaso de contar com o trabalho de ilustração da Raquel Catalina, uma belíssima ilustradora espanhola que lhe aportou o perfeito complemento visual.

Desde então, cumpriu-se esse objetivo de fazer chegar este conto a mais gente e o livro teve até a sorte de já ter viajado para outros países, noutras línguas. Transformou-se também num espetáculo pela “Monda Teatro-Música”, onde a Tânia Cardoso, neta de alfaiate, nos conta e canta este conto, e numa emocionante exposição que a Fundação Lapa do Lobo teve a amabilidade de organizar. Tudo bons sinais de que “A Manta do José”, e todas as suas variantes, continuarão certamente por muitos e muitos anos a “agasalhar” miúdos e graúdos por esse mundo fora.



Fotografias: Luis Belo

Tânia Cardoso,
Atriz-Cantora-Criadora da
Monda Teatro-Música

• “A Manta do José: uma história-canção” foi uma criação artística para a infância que nasceu da saudade do meu avô alfaiate Ricardo Cardoso. Faz parte do trabalho de criação teatral-musical para todas as infâncias, a partir do universo do livro e do património da tradição oral, com cantos e contos oriundos de diferentes países.

Mas voltemos ao início desta viagem, encontrei o livro “A Manta do José” da Bruaá Editora em tempos de pandemia, quando procurava uma nova história para contar à minha filha. Desejava encontrar uma história sobre um alfaiate, sentia saudades do meu avô... De imediato fui atraída pelas ilustrações da Raquel Catalina, com dese-

nhos de uma alfaiataria muito semelhante à do meu avô Ricardo. Tal como o José, o menino do livro, também eu cresci na oficina do meu avô, entre moldes, linhas e máquinas de costura. E tal como o José, para mim, ele foi o melhor alfaiate do mundo!

Recordo o momento em que recebi o livro pelo correio, numa encomenda cuidadosamente enviada pela editora.

Contei e recontei a história à minha filha, mostrei-lhe uma fotografia do seu bisavô e senti a urgência de transformar o conto judaico em peça de teatro e as páginas do livro em música. O desejo ficou a repousar, naquele tempo não sabíamos quando voltariam a abrir as bibliotecas, os teatros, as escolas...



O tempo passou e surgiu a oportunidade que esperava, um desafio da Biblioteca Municipal de Lagos para criar uma história da Bruaá Editora, percebi naquele instante que a “Manta do José: uma história-canção” estava prestes a nascer! Convidei de imediato o guitarrista e compositor Rodrigo Crespo, que tão bem conheceu o meu avô, para me acompanhar na cocriação deste objeto artístico, tão especial para nós. Encontrámos músicas tradicionais sefarditas, que nos ajudaram a cantar as páginas do livro e criámos algumas composições originais. Tínhamos agora as palavras do Miguel Gouveia, a partir do conto tradicional judaico, a dramaturgia musical e sonora e o desejo de reencontrar os antigos objetos de alfaiataria...

Viajei até ao Ribatejo, à vila do Couço, e entrei na casa dos meus avós, onde outrora muitas agulhas e tesouras dançaram sem parar. A oficina já não existe, mas os ins-

trumentos do ofício foram guardados pela minha avó Antónia, dentro do gabinete dos espelhos, num velho baú. Abri o poeirento baú e foi como se cada objeto tivesse uma memória guardada... era como se aquelas tesouras, tecidos, linhas, fitas e moldes estivessem à espera do momento em que voltariam a existir. Pedi os objetos à minha avó, expliquei-lhe que iriam servir para contar uma história sobre um avô alfaiate a muitos meninos e meninas. Emocionada, confiou-me todas as peças. E voltei rumo a Lisboa, preparada para acrescentar pontos e mais pontos a esta história. Por vezes escolhemos as histórias que contamos, outras vezes são as histórias que nos escolhem para serem contadas... E assim foi.

Este trabalho nasceu do eco que um livro pode ter em nós... nasceu do colo do meu avô, do seu ofício e sabedoria, dos botões, tecidos e linhas que ficaram por coser, cortar



e alinhar, de tudo o que ficou à espera para sair do baú, daquilo que já não tem dono e não serve para nada... e se o meu avô me contou tantas e tantas histórias para eu adormecer, agora é a vez de contarmos esta história em conjunto, recordando a importância dos avós, a sabedoria dos antigos e a sua forma de estar no mundo.

Foi com enorme prazer e entusiasmo que contei, em conjunto com o Rodrigo, a nossa “história-canção” para as crianças da Lapa do Lobo, escutando os seus testemunhos sobre o valor dos avós e as suas reflexões sobre a sustentabilidade das (tantas) coisas que usamos. E tal como uma manta de retalhos, feita de memórias e afectos, também agora a Fundação Lapa do Lobo faz parte desta bela história!

Ana Seia de Matos,
Artista plástica, Designer e Cenógrafa

- A convite da Fundação Lapa do Lobo, através do coordenador do Serviço Educativo, Dennis Xavier, fui convidada a pensar em conjunto uma exposição a partir do livro “A Manta do José”, com texto de Miguel Gouveia e ilustrações de Raquel Catalina.

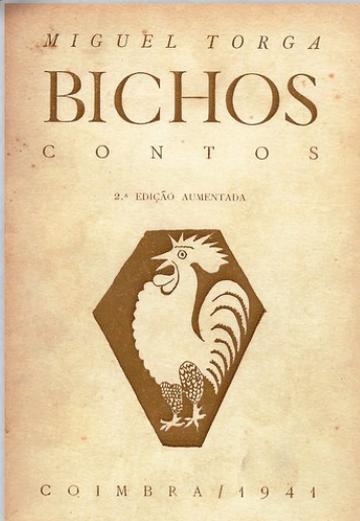
O livro conta a história da transformação de uma manta, pelas mãos do avô do José, à medida que este vai crescendo e a sua ligação ao avô alfaiate se vai aprofundando. Falará de outras coisas e poderá ter outras leituras, mas este foi o mote para o desenvolvimento das peças da exposição.

Assim, aumentámos a escala das ilustrações de Raquel Catalina, onde se conseguem ver as texturas, os riscos de caneta e lápis, que reforçam toda a sua manualidade e decidi que seria interessante transpor as peças de alfaiataria para um universo da bidimensionalidade do desenho e do papel, por vezes aventurando-me pela tridimensionalidade. Assim, usando esse suporte tão frágil, construí um casaco, um colete e vários outros elementos que povoam esta narrativa, como os esquadros de alfaiate, rolos de tecido, uma fita métrica, até um ferro de engomar.

Pareceu-nos igualmente relevante trazer para a exposição as vozes de várias pessoas, sobretudo da Lapa do Lobo, que nos pudessem falar dos seus avós e dessa relação geralmente próxima e formativa, característica da infância de muitos de nós. Nesse sentido, foi feita uma peça sonora, pelo Dennis Xavier, onde se ouvem as vozes de miúdos e graúdos, imersos nas suas recordações, convidando-nos também a nós, a recordar. ●

**LIVROS
CENSURADOS**

BICHOS, DE MIGUEL TORGA



Uma coleção de 14 contos, protagonizados por humanos e animais que partilham características e enfrentam os mesmos problemas do dia-a-dia, com um carácter profundamente humano, num tom dramático e, por vezes, até desesperado – Bichos foi publicado pela primeira vez em 1940, tendo sido censurado pelo Estado Novo em 1953.

Miguel Torga, autor oriundo de Trás-os-Montes, era apelidado de “escritor comunista”, ainda que ele tivesse tentado provar o contrário, ao enviar diretamente a Salazar um dos seus livros para que este pudesse analisar a sua escrita. Todavia, para além de Bichos, o escritor viu mais 12 livros seus proibidos pela censura portuguesa, como “A Criação do Mundo” ou “Contos da Montanha”.

em www.bertrand.pt

5.069

DESPACHO :
Em / / 195...

Distribuído para leitura em / 95...
Recebido em **29 / 10 / 1953**

RELATÓRIO N.º 5.069

Autor: Miguel Torga
Tradutor:
Editor: Coimbra Editora - Coimbra
Proveniência: PIDE

"BICHOS"

INFORMAÇÃO

Escritor de forte poder de acção por leitores deficientes recursos espirituais.

Procura motivos sugestivos, em prol da descrença, da averse ao dirigente ou ao afortunado, fomentando o desrespeito social.

O humilde é sempre a vítima das injustiças sociais.

As obras deste autor não devem ser consentidas em agrimações operárias, por razões óbvias.

a) José da Silva Dias
Cap.

1917



Fotografia: Simão Sousa

O Retorno

por António Cândido Garcia “Xindera”

Nasci a 16 de julho de 1942, na Lapa do Lobo, numa casa que atualmente está abandonada, perto do antigo apeadeiro.

Fui para a tropa aos 20 anos, para Moçambique, onde fiquei 3 anos. Era para ficar por lá, mas como não me davam as condições que pedi, regressei à Lapa do Lobo e ao serviço que já tinha antes, nos Fornos Elétricos. Passado o primeiro mês, deram-me o mesmo ordenado que vencia antes de ter ido para a tropa. Eu achei aquilo mal e fui falar com o chefe, que me garantiu que ia resolver isso no mês seguinte. Como no mês seguinte e nos outros foi a mesma coisa, eu e o Luís Ferreira – um colega que trabalhava ao pé de mim – passado meio ano, marcámos uma passagem para Angola. Em 1969, fomos embora.

Ele foi para Sá da Bandeira e eu fui para Nova Lisboa, mas saí no Lobito. São 300 km de dis-

tância. Disseram-me que havia uma carreira que ia todos os dias para Nova Lisboa. Quando perguntei, percebi que o condutor era um senhor aqui da Lapa do Lobo. Chamava-se António Pinheiro. Fui para Nova Lisboa, só com uma mala na mão. A 20 km de Nova Lisboa, um parente meu era proprietário de uma cantina, um comércio. Fui lá ter com ele, onde estive uns dias até arranjar emprego. Arranjei emprego nas oficinas do Caminho de Ferro de Benguela, em Nova Lisboa. Vou contar como foi.

Como eu dava uns toques no futebol e eles tinham um clube da ferrovia, pedi a um senhor chamado Vasco de Vasconcelos para lá ir treinar. Ele lá me deu um equipamento e fui treinar. No fim, contei que era da Lapa do Lobo e que andava à procura de emprego. Disseram-me que havia um indivíduo de Nelas,



Fotografia: Simão Sousa

para lá ir falar com ele. Fiz um exame com uma suta (instrumento ajustável utilizado para medir e traçar ângulos) e lá fiquei a trabalhar. Como jogava à bola e tinha a carta de pesados e de transportes públicos, arranjei trabalho no autocarro. Passei a ser o motorista da equipa de futebol. Aos fins-de-semana fazia quilómetros que era uma loucura.

Entretanto o tempo passou. A minha esposa e a minha filha foram ter comigo e, mais tarde, nasceu a minha filha mais nova.

Ao fim de 5 anos, aquilo começou a ficar um bocado frouxo. Até que acontece a Revolução do 25 de abril de 1974. Nós nunca desconfiámos de nada. As notícias de lá não diziam nada do que se passava em Portugal. Mas havia lá um senhor chamado Ribeiro Cristóvão, atualmente jornalista da SIC, que trabalhava na Rádio Clube. Como ele fazia os relatos do futebol, um dia disse-me para ter cuidado, porque a situação estava a ficar má. Passados uns dias, o meu ajudante de oficina, um habitante de lá chamado Rock disse-me: “Sr. Mestre, vá embora! Isto está mau. Os outros brancos já foram todos”. Eu sem saber de nada.

Entretanto, eu já tinha mandado a família para cá. A Companhia dos Caminhos de Ferro, ao prever que aquilo ia ficar mal, fretou um avião suíço para fazer a ponte aérea de lá para Portugal. Fiquei lá sozinho. A cada dia que passava, o pessoal era cada vez menos. Um dia chego ao serviço e deparei-me com o portão fechado. Não havia lá ninguém, só o meu ajudante. Perguntei ao Rock o que se passava e ele avisou-me para ir embora, se-

não matavam-me. Não fui. Continuei a andar por ali, sozinho.

Sabia que aquilo não era solução. Não havia trabalho, sequer. Às vezes ia buscar comida, mas dava pouco nas vistas. Outras vezes saía à noite e encontrava dois bidões, um de cada lado, com um eucalipto atravessado, a cortar a estrada. Perguntavam-me onde ia e eu respondia que ia à cidade buscar comida. Uma vez queriam saber se eu tinha “caratão”, referindo-se ao cartão de militante. Eu respondi que o “caratão” era um locutor da Rádio Clube. Fui preso. Na delegação, um senhor muito bem posto perguntou-me o que se tinha passado. Conteí a história e o senhor disse que não era caso para prisão, mas perguntou-me de que movimento era eu militante. Respondi que não era de nenhum, não era de lá e não queria problemas.

Naquela altura era só MPLA ou UNITA, sendo que, à data, a UNITA tinha expulsado o MPLA daquela região. Perguntaram-me se queria ser militante da UNITA, porque tinha o benefício de eles me ajudarem em qualquer problema. Disse-lhe que tinha uns caixotes na garagem e que os queria despachar a Moçâmedes. Fiz-me militante e ele passou-me logo um documento para despachar os caixotes. Ao outro dia de manhã, carreguei os caixotes na carrinha e fiz os 800 km até Moçâmedes. Mas na viagem foram só problemas. Chegava a uma povoação e lá estava o eucalipto atravessado. Chegava a outra povoação, a mesma coisa. A sorte é que eu levava cerveja, tabaco e outras coisas e lá os fui “amamentando” até lá chegar. O cartão de militante já não chegava, até porque eles pe-



Fotografia: Jornal O Observador

diam mesmo, dinheiro, tabaco, álcool. Como eu já sabia por outros, ia fornecido. Cheguei a Moçâmedes e não sabia como despachar os caixotes. Aquilo estava cheio de gente a querer ir embora. Entretanto, apareceu um polícia que eu conhecia de Nova Lisboa e que me ajudou. Arranjámos um pincel e uma lata de tinta e ele pôs o nome dele nos meus caixotes: António de Almeida, da Vacariça (Santa Comba Dão). Despachei os caixotes, dormi na carrinha e no dia a seguir regresssei a Nova Lisboa.

Chego à entrada de Nova Lisboa, ao Bairro de S. Pedro, e logo me avisaram para fugir dali porque me matavam. Isto porque os do MPLA tinham corrido com os da UNITA. Eu vim pela avenida abaixo e, até chegar a casa, só via corpos estendidos no chão, um aqui, outro ali, mais outro acolá. Foi uma carnificina.

Cheguei a casa e encontrei um amigo meu chamado Rocha, a dizer que tínhamos de ir embora no dia seguinte. O Vasconcelos, o único que conhecia o trajeto de Nova Lisboa a África do Sul, tinha adoecido e partido na ponte aérea. Como eu caçava com ele, era o único que conhecia mais ou menos os caminhos.

Era dia 23 de agosto, logo de manhã, já estava a caravana montada. Camiões carregados com pás carregadoras, máquinas de arrasto, bidões de combustível. Levávamos arroz, massa, farinha, feijão... Tudo preparado para a viagem. Eram à volta de mil pes-

soas e cerca de 100 a 200 veículos.

Como estava cansado, pedi a um moço, chamado João, mas conhecido por “Fão”, com 9 anos, que era filho de um maquinista, para me levar a carrinha. Ele conduziu-a durante mais de 500 km, para eu poder dormir.

Chegámos a uma terra perto de Serpa Pinto, onde havia uma passagem sobre uma ponte. Não havia outra hipótese, senão passar por ali. O pior era os bidões e o eucalipto. Eram 6 indivíduos do MPLA que lá estavam. A nossa estratégia foi enviar dois indivíduos de cada lado da estrada, armados, à beira do capim, até se aproximarem dele, onde ficariam à espera. Depois de algum tempo, seguiu outro indivíduo de carro, sozinho. Os do MPLA vieram para a estrada mandar parar o carro. Os outros quatro apareceram e foram forçados a disparar. Deixámo-los ficar lá no chão, mortos. Pegámos nas armas, nas munições e seguimos viagem. A partir daí, já sabíamos que íamos ser seguidos. Tínhamos de nos organizar. Saímos da estrada e desviámo-nos para o meio da selva. Ficámos uns dias acampados. Fizemos uma reunião e formámos um governo, para determinar serviços para as pessoas.

Era preciso fazer turnos, bater terreno de madrugada, reforçar a guarda nas traseiras da caravana e cumprir outras tarefas.

A mim calhou-me bater o terreno e abrir caminho para a caravana passar. Era um serviço muito difícil. Andava com muita carga às costas. Camisa não era precisa.

Era só umas calças e sapatilhas. Andava com um cinturão com sete carregadores, uma G3 e não sei quantas granadas. Mais a catana, para cortar o mato. Éramos seis. Saíamos de manhã, para a caravana depois ir avançando, sempre no meio da mata.

Chegámos a outra localidade e virámos à direita, em direção à Namíbia, para o sudoeste africano, que era onde queríamos entrar. Lá nos orientámos, junto ao rio que ia dar ao deserto da Namíbia. Mas custou muito. Andámos nisto quase três meses. Já perto do sudoeste africano começámos a escutar os aviões. Era a patrulha dos Carcamanos, dos sul africanos. Já estávamos perto da fronteira. Até que chegámos ao deserto. O rio desaparecia numa ponta e só aparecia 20 km à frente. Para atravessar o areal, engatámos os camiões, usámos correntes, fizemos trinta por uma linha. Havia ferramentas para tudo. Os Carcamanos viam-nos a atravessar o areal. Um indivíduo dos nossos, que tinha um posto de rádio amador, conseguiu entrar em contacto com os aviões. A partir daí, começámos a ter apoio.

Foi uma viagem dura. Aconteceu de tudo: casamentos, batizados, funerais, nascimentos. Fazíamos as nossas refeições, cozíamos pão, íamos para a caça arranjar carne. Cuidávamos uns dos outros.

Parámos em Walvis Bay, na Namíbia, mas não passámos dali. Ficámos num corredor, um espaço neutro, entre as fronteiras. Le-

varam-nos comida, tendas, roupa e medicamentos e lá ficámos durante umas semanas. Começámos a ver cada vez menos pessoas. Os que queriam ir para o Brasil e outros países começaram a abandonar. Como eu e o meu colega António Soares da Rocha queríamos ficar lá a trabalhar, aguentámo-nos ali. Arranjámos um corta-arame e fizemos uma porta, por onde passávamos para ir jantar a um restaurante que ficava lá perto. Todas as noites lá íamos. Um dia, um indivíduo ouviu-nos falar português e veio falar connosco. Disse-nos que não havia trabalho, mas que nos ajudava a sair dali. Pediu-nos para levar os nossos carros até à alfândega. Tiraram a gasolina e puseram os carros num armazém. Arranjou-nos transporte até Pretória no avião dos paraquedistas. Lá fomos com a malazita na mão. Estivemos em Pretória dois ou três dias, à espera do avião da TAP.

Aterrei em Portugal a 10 de novembro de 1975. Fui de táxi para a Estação de Santa Apolónia, já era madrugada de 11 de novembro, dia da Independência de Angola. Como não havia comboios, o mesmo táxi levou-me até Coimbra. Custou-me 900 escudos.

Em Coimbra, apanhei a automotora que me trouxe até à Lapa do Lobo. E assim terminou esta aventura. Tinha retornado à minha terra e à minha família. ●

“

QUEM A TEM...

Não hei-de morrer sem saber
qual a cor da liberdade.

Eu não posso senão ser
desta terra em que nasci.
Embora ao mundo pertença
e sempre a verdade vença,
qual será ser livre aqui,
não hei-de morrer sem saber.

Trocaram tudo em maldade,
É quase um crime viver.
Mas, embora escondam tudo
e me queiram cego e mudo,
Não hei-de morrer sem saber
Qual a cor da liberdade.

Pensar liberta?



Joana Rita Sousa

Filósofa e perguntóloga.
Licenciada em Filosofia,
Mestre em Filosofia para
Crianças. Mediadora do
diálogo e da escuta.



Filosofia nas prisões

Durante o intenso e pandémico que foi 2020 o meu amigo e investigador Jose Barrientos Rastrojo deu continuidade a um projecto de filosofia para pessoas privadas de liberdade. Boecio Epistolar é um projecto que leva a filosofia para um espaço onde a liberdade está limitada.

É possível pensar livremente dentro de uma prisão? O pensamento pode libertar-nos? Fazer perguntas pode levar-nos para lá das quatro paredes?

Em tempos de confinamento pandémico, qual é a diferença entre a minha vida e a vida de uma prisioneira?

EXPERIÊNCIAS DE “SÓ” PENSAMENTO

A experiência de pensamento funciona como uma espécie de laboratório para quem se dedica à filosofia. Traçamos cenários que nos empurram para pensar de modo aprofundado o que faríamos ou o que pensaríamos em certas condições. Nestas experiências de pensamento acabamos por não fazer, apenas pensamos.

Tomamos o dilema do Trolley (Philippa Foot) como uma experiência de pensamento e não vamos efectivamente para a cabine de um comboio, conduzindo em direcção a uma encruzilhada onde, numa linha e noutra linha, há pessoas aprisionadas aos carris.

Imaginamos esse cenário, podemos desenhá-lo. Perguntamos: o que devemos fazer?

Apenas pensamos. Só pensamos. Limitamo-nos a pensar. Dito assim soa a algo muito pouquinho. Pensar é uma espécie de aquecimento, a verdadeira corrida acontece quando fazemos, dizem alguns. Outros dizem que só pensamos de determinada maneira por não ter ainda tido aquela experiência, pois ter de agir no momento mudaria tudo.

A EXPERIÊNCIA DE LIBERDADE QUE O DIÁLOGO PROPORCIONA

Há vários anos que me dedico a mediar oficinas de diálogo com crianças, jovens e pessoas adultas. É muito comum ter apenas uma oportunidade de diálogo com cada grupo, por isso no final solicito que as pessoas avaliem de alguma forma o diálogo. Podem destacar algo que tenha sido curioso ou aborrecido, algo que gostariam de repetir, algo que gostariam de ver melhorado.

É muito comum escutar observações deste género: “gostei muito de poder pensar livremente” ou “aqui fomos mesmo livres para pensar”.

O diálogo permite-nos pensar em voz alta e testar ideias. Uma vez criado um ambiente de confiança entre as pessoas que participam, bem como de responsabilidade sobre aquilo que é dito, há um convite para a prática de liberdade para pensar.

Podemos ter dúvidas sobre o sentido

que uma ideia tem ou não, por isso a dizemos em voz alta para que as outras pessoas possam ajudar-nos a compreender. Podemos não ter ainda uma ideia definida sobre o assunto X, por isso avançamos com uma hipótese para o grupo poder avaliar e/ou ajudar-nos a rever a ideia.

EXPERIÊNCIAS DE “SÓ” ESCUTA

A escuta revela-se um elemento fundamental no diálogo. Escutar é tão importante quanto tomar a palavra para falar. A atitude da escuta permite-nos pensar com as ideias das outras pessoas, voltar a pensar nas nossas ideias. Frequentemente damos por nós a exclamar “nunca tinha pensado nisso”. Escutar é um passo para o encontro entre ideias que se confirmam, que se aproximam, que se opõem, que se distanciam. O envolvimento do diálogo pode ser só a escuta. Só escutar. Limitarmo-nos a escutar. Soa a pouquinho, não soa?

PARAR, PENSAR, ESCUTAR E DIALOGAR: O POUQUINHO QUE LIBERTA

Pensar é um exercício de liberdade, da liberdade para pensar o que até então era impensável. Pensar em voz alta, num diálogo, permite a escuta de outros impensáveis. Trata-se de um exercício de liberdade para conhecer outras ideias, para arriscar respostas e possibilidades antes de me comprometer com uma ideia ou com uma resposta.

O pouquinho que o exercício de pensar permite é gigante. Por exemplo, permite que as pessoas privadas de liberdade que participam no projecto Boecio possam sentir-se livres, ainda que haja grades e muralhas bem altas à sua volta.

Pensar liberta?

Pensar liberta. ●

Recomendação de leitura
Filosofia para privados de libertad,
 de José Barrientos Rastrojo,
 publicado em 2023.

A liberdade é caminho



Manuel Rocha

Diretor no Conservatório
de Música de Coimbra

Nasceu em Coimbra, em 1962. Entre 1982 e 1988 estudou em Moscovo, no Instituto Gnossin, onde se licenciou como professor de violino e músico de orquestra sendo, desde 1988, professor de violino no Conservatório de Música de Coimbra, onde também exerce funções de Diretor.

A Liberdade é caminho.

Umaz vezes apazível, outras vezes sinuoso - as estações da Liberdade são os seus cantos, também, aqueles de viva voz. Uns são cantos de lamento, outros de comemorar, há cantos de protestar e de cantar as vitórias, há-os também de amargura e cantos de encorajar. Há os de aqui e de além.

Estes que se vão cantar são todos cantos da História, que é o mais largo dos caminhos. São melodias escorreitas e versos para ser programa, desejo e utopia. Há quem os reconheça logo, quem lhes recorde o refrão, quem nunca os tenha encontrado. Mas são os essenciais, por serem de Liberdade.

Pés descalços não podem ler



**Cláudia
Lucas Chéu**

Nasceu em 1978. É escritora, cronista, contista, poeta, dramaturga e argumentista. Tem mais de uma dezena de livros publicados

Li a primeira palavra sozinha aos cinco anos de idade. Nos anos 1980, em Portugal, os autocarros sinalizavam a vontade de sair de algum passageiro através de uma espécie de campainha que iluminava um pequeno néon a branco, situado no teto da viatura, onde podia ler-se a palavra «PARAR». O néon de luz intermitente só se desligava depois dos passageiros saírem e o autocarro seguir viagem até à paragem seguinte. Esta foi a primeira palavra que eu consegui ler. Segundo a minha mãe, li-a em voz alta, sentada no banco do autocarro ao seu lado.

A minha mãe conta que ficou estupefacta com a minha ação, que, no seu entender, era prodigiosa. Não me recordo deste momento da leitura, é uma memória que está provavelmente filtrada, adulterada pelas inúmeras versões da minha mãe. Não me recordo sequer se, de facto, li a palavra no néon do autocarro ou se já tinha ouvido alguém falar sobre isso e me tivesse ficado na memória. O que eu sei e me recordo foi de ter chegado a casa nesse dia e de ter escrito «PARAR», em maiúsculas, no caderno de desenho onde habitualmente desenhava casas com caminhos bifurcados, árvores com maçãs vermelhas, que ainda não sabia que se chamavam macieiras, e arco-íris desproporcionais, um fenómeno que considerava a coisa mais bela da Natureza. Também desenhava crocodilos, porque a minha mãe me tinha ensinado, e colocava-os muitas ve-

zes à porta de uma dessas casinhas desenhadas ou debaixo da macieira. Portanto, algures neste cenário desenhado escrevi nesse dia em maiúsculas a palavra «PARAR», que se tornou a minha primeira palavra lida e escrita.

A minha relação com a leitura e a escrita começou cedo, talvez tenha nascido de uma tentativa de fuga do ambiente no qual vivia.

Quando escrevi e li a primeira palavra da minha vida morava em casa dos meus avós maternos, juntamente com os meus pais e dois tios adolescentes. Éramos sete pessoas a viver na mesma casa com apenas três quartos e uma sala. Não havia uma única pessoa que lesse ou que gostasse de ler, nunca tive esse exemplo através dos meus familiares. Aliás, na casa dos meus avós não havia livros, como, julgo não estar a errar, na maioria das casas portuguesas nessa época.

A leitura era algo absolutamente supérfluo, dadas as necessidades básicas e os níveis de escolaridade da maior parte das famílias. Por exemplo, tanto o meu avô como a minha avó andaram na escola somente até aos sete anos de idade. O motivo que os levou a abandonar tão precocemente o ensino foi o mesmo, embo-

ra frequentassem escolas diferentes. Como a minha avó me explicou, tanto ela como o meu avô, embora em pontos opostos do país – o meu avô era do Norte, mais propriamente da Beira Interior, da Covilhã, e a minha avó do Sul, da cidade de Faro –, deixaram ambos de poder ir à escola por não terem sapatos. Nos anos 1930, não ter sapatos era algo comum nas famílias mais pobres. As crianças tinham apenas um par de calcantes, normalmente usados até à exaustão com vários remendos na sola e pequenos buracos, e, se por acaso se estragassem definitivamente, deixava de ser possível frequentarem a escola. Um dos requisitos obrigatórios para frequentar o ensino era o uso de sapatos, o que excluía imediatamente a maioria das crianças pobres, uma vez que era frequente terem períodos em que não tinham um único par de sapatos. Como só frequentaram dois anos a sala de aula, os meus avós apenas sabiam assinar o seu próprio nome e ler pouco ou nada, sempre com um esforço demorado e hercúleo em juntar as sílabas, como pude assistir algumas vezes.

Lembro-me de pensar em criança que se podia aprender a ler com os pés descalços e que aquela regra do tempo dos meus avós não fazia sentido.

Nunca percebi onde nasceu o meu gosto pela leitura e pelos livros, mas talvez tenha sido na escola. Ao contrário dos meus avós, pude frequentar o ensino obrigatório e prosseguir até à faculdade. Não que tivesse muitos pares de sapatos, nunca deixámos de ser uma família humilde, mas graças ao esforço

e suor do trabalho do meu pai, nunca me faltou nada ao nível das necessidades básicas. Nunca faltou comida na mesa, roupa barata, porém lavada e sem buracos, e alguns luxos como uma bicicleta onde vivi as melhores memórias da minha infância. Descobri os livros com *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, um exemplar do *Círculo de Leitores* com 248 páginas, pousado no topo da móvel da sala, sabe-se lá vindo de onde, cuja aparição considero ainda hoje um acontecimento mágico. Foi o primeiro livro que li, tinha talvez uns oito, nove anos de idade.

Senti que a leitura me proporcionava o mesmo prazer que a bicicleta: uma sensação de liberdade e evasão do mundo real familiar e conflituoso no qual vivia. Desde Mark Twain, e graças às bibliotecas públicas onde pude sempre requisitar gratuitamente livros que marcaram e definiram o percurso da minha vida, nunca mais pude deixar de ser uma leitora.

Acredito piamente que livros são objetos de poder e liberdade. Sei que todos somos mais livres se tivermos acesso à cultura. A liberdade de pensamento está intimamente ligada ao conhecimento, seja através dos livros ou da experiência empírica. Ao contrário dos animais não somos condicionados por instintos primários. Por isso, a liberdade nasce precisamente dessa possibilidade de escolha e só existe verdadeiramente liberdade de pensamento se houver conhecimento; conhecer é poder decidir. Penso que a Literatura é exemplar na formação de indivíduos conscientes e livres.







Fotografias: RF

Conversa

com Angelina Matias

Angelina Matias é da Lapa do Lobo. Nascida e criada. Foi enfermeira durante 37 anos. Tem a certeza que foi a pessoa mais feliz do mundo. Diz que existem pessoas que nascem para ajudar os outros e ela é uma delas. É a segunda filha de 6 irmãos, alguns já falecidos. A mãe veio da Póvoa da Pegada e, quando casou com o pai, foram viver para casa de uns tios. Só depois se mudaram para uma casa perto da antiga Escola Primária da Lapa do Lobo. Tem ideia de que todos nasceram na casa da família, onde hoje mora e nos encontramos para esta conversa. Uma casa antiquíssima, que recuperaram à medida que a família ia aumentando. Contou que a sala onde estávamos era uma adega e onde, atualmente, são os quartos, eram os currais dos animais. Eles mora-

vam na parte de cima. Recorda que, quando a mãe ia visitar a mãe dela à Póvoa da Pegada, os irmãos ficavam todos juntos num quarto, na brincadeira. Como essa parte da casa ainda não estava rebocada, cada um, à vez, ficava de vigia, a espreitar pelos buraquinhos, a ver quando a mãe estaria para chegar e se portarem como deve ser. É uma das muitas memórias que Angelina Matias partilhou numa conversa ao fim da tarde de 26 de abril de 2024, um dia depois da celebração do 50º aniversário da Revolução dos Cravos. Falou de muitos assuntos, principalmente da família e da profissão. Aliás, Angelina defende que a profissão é, muitas vezes, uma segunda família.

CALCULO QUE, PARA ALÉM DAS BRINCADEIRAS, TAMBÉM AJUDAVAM OS PAIS EM CASA E NA AGRICULTURA?

Os meus pais cultivavam aquele terreno onde a minha irmã Maria do Carmo fez a casa, mas nós não podíamos ir para lá.

PORQUÊ?

Porque destruíamos tudo. Como só íamos de vez em quando, pisávamos tudo. Aquilo ia tudo à frente. Há coisitas que nunca esquecem. Eu era miúda, mas já entendia bem as coisas. Um dia, andavam a descascar o milho e havia uma senhora, que vivia nas Lajes, que dizia palavrões. Eu lembro-me do meu pai dizer: “Ó Maria, olha a terra e a semente!”, para ter cuidado comigo. Lembro-me de pequenas coisas. Tínhamos uma vaca e uma nora e a vaca é que tirava a água para o tanque. Um de nós tinha de ir muito cedo, por causa das moscas, tocar a vaca. A vaca de vez em quando parava e nós tocávamos na vaca para ela recomeçar.

OS SEUS PAIS SÓ TRABALHAVAM NA AGRICULTURA?

O meu pai era porteiro na CUF, na altura em que a CUF fazia extração de óleos. Usavam o bagaço da oliveira. A minha mãe regava e era dona de casa. Ela estranhou muito. A dada altura ficámos a cuidar da minha tia, a minha madrinha, que não tinha um braço. Caiu na lareira e o braço foi amputado. Ela tinha uns terrenos, onde é agora a Quinta Vale do Lobo, a Casa Mortuária, o cemitério. A minha mãe ficava a tomar conta de todos. Eu, a minha irmã, a Clarinda, o Anselmo, a seita... os sobrinhos todos. Claro que a minha mãe se enervava connosco. Quando a minha mãe ia para o campo, nós chorávamos e ela também chorava no caminho. São histórias...

CHORAVAM, MAS TINHAM LIBERDADE PARA BRINCAR?

Sim, nós brincávamos. Eu já não me lembro muito bem, mas a minha irmã mais velha e a Clarinda lembravam-se de uma brincadeira. Colocávamos um prato de esmalte em cima de um banco e fazíamos tolices.

TAMBÉM FREQUENTAVAM A ESCOLA?

Sim, andei aqui na escola. Entrei com 7 anos. Fiz, fizemos todos, a 4ª classe. Depois, ficámos em casa. Só a minha irmã mais velha ia para os Fiais da Telha, aprender costura. Eu ficava mais em casa, a ler. Gostava muito de ler. A minha mãe também devorava livros. Ao sábado comprávamos o Jornal, que só eu e a minha mãe líamos. Era “O Século”. Havia

um senhor dos jornais que saía no comboio de Coimbra com o saco dos jornais e mandava-os pela janela do comboio. Nas estações de comboio parava, e os donos dos cafés, por exemplo, iam buscá-los. A nós, mandava-o para o fundo do nosso quintal, dobradinho. Nunca se desmanchava, caía no sítio certo. Era ao sábado, tínhamos a leitura para o fim de semana. Ninguém tocava no jornal, sem eu o ler primeiro. Comigo o jornal ficava exatamente como estava quando saía do comboio e se mais alguém lhe mexesse, já não ficava. Esticava-me na sala de barriga para baixo, a ler o jornal. Lembro-me que às vezes, tinha de fazer o comer. Normalmente o pessoal ia para o campo, mas eu, como era mais enfezada, não ia e tratava do comer. Mas adiantava as coisas na véspera para durante o dia andar por aqui e por ali.

LIA SÓ O JORNAL?

Não, também lia livros. A minha mãe já com setenta e tal anos ia à Biblioteca Ambulante da Gulbenkian, que vinha aqui à Lapa. A minha mãe, nas primeiras vezes, disse-lhes os livros que gostava de ler e eles, nas vezes seguintes, traziam. Eu aproveitava e lia os livros que a minha mãe trazia. Entretanto, a minha mãe queria que eu continuasse a estudar, para ir além da 4ª classe. Já teria uns 20 anos e estive em Viseu, num explicador.

COMO IA PARA VISEU?

Ia à semana. Nesta casa da Lena do Vasco vivia a Regente Escolar, que era de Repeses. Disse logo para ir para casa dela. Da Lapa até Viseu ia de autocarro, na altura já havia autocarro. Como tinha uma bicicleta, levei a bicicleta e ia de Repeses até Viseu, para a explicação, de bicicleta. Andei lá um ano. Era um professor que dava aulas em casa a muitos miúdos já crescidos, para preparação de exame ao Magistério.

CORREU BEM?

Chumbei... ainda bem!

ENTÃO?

Chumbei e ainda bem. A área era mecânica. Escolhida, talvez, por influência do meu irmão. Mas na altura não se falava numa mulher dentro de uma oficina. No meu tempo, ainda havia profissões para homens e profissões para mulher. Eu disse que queria ser enfermeira. Se tivesse de sair da Lapa do Lobo, seria para estudar enfermagem. Falei com a mãe do Dr. João Cunha, que viviam em Coimbra. Ainda eram nossos parentes. Ela disse

que eu fazia muito bem e que ia ver o que podia fazer. A mãe do Dr. João Cunha tinha um amigo no Hospital Sobral Cid, que informou que entravam pessoas para vigilantes e tinham a facilidade de estudar. Tinha alojamento, um lar, só para raparigas, que ficava mesmo por baixo da casa do Diretor. O Diretor era um funcionário que andava sempre com chaves penduradas e que podia entrar a qualquer hora. Tínhamos camaratas e havia uma senhora responsável que também dormia lá. Imagine! Nós com vinte e tal anos tínhamos de ter uma autorização de saída e com o horário de regresso. Um dia por semana ia a casa do Dr. João Cunha. Passava o dia com eles e com a D. Amélia, mãe do Dr. João Cunha. Quando chegasse ao alojamento, tinha de ligar ao inspetor, para controlo. Como vigilante, ganhava 300 escudos por mês. Terminei o curso aos 25 anos e fiquei lá a trabalhar, no Hospital Sobral Cid. Estive lá 13 ou 14 anos.

FOI A ÚNICA DA FAMÍLIA QUE ESTUDOU?

A minha irmã Isabel também. Fomos as duas para Coimbra. Eu fui primeiro e depois foi ela. Eu disse-lhe para ela só ir se tivesse vontade. Mas o meu pai nunca concordou muito que eu saísse de casa. Era mulher e os meus irmãos tinham ciúmes. E tinham razão, porque eu era a preferida dele.

PORQUÊ?

Porquê? Porque alinhava nas palermices e brincadeiras dele e também eu era a única que o acompanhava nas caminhadas dele. Eles começavam: “É a menina!” Há imagens que ficam marcadas. O meu pai usava uma boina. Sempre que eles diziam “É a menina! Pode fazer tudo!”, ele poisava a boina e sorria.

ERA A PREFERIDA.

Há histórias que não esquecem. A minha mãe contava isto tantas vezes, até com uma certa mágoa. Quando nasceu a primeira filha, o meu pai queria um filho e não nasceu. Quando nasci eu, a segunda filha, o meu pai andava na caça. Quando regressou da caça, disseram-lhe que eu tinha nascido e ele não me foi ver ao quarto. Isto para uma mulher deve ser... mas a coisa passou. Um determinado dia, a minha mãe viu o meu pai pegar-me ao colo e ouviu-o dizer: “Ó Angelina...” e ficou o nome. A irmã dele, a que tinha o braço amputado, chamava-se Angelina. Foi ela a madrinha.



ALINHAVA EM QUE BRINCADEIRAS COM O SEU PAI?

Piadas ou pregar partidas, por exemplo. Às vezes começava a chorar a dizer que tinha caído para ir tudo a correr ter comigo. Fazíamos coisas que não lembravam a ninguém. As minhas irmãs tinham um certo ciúme, porque elas eram um bocado mais certinhas. Então a mais velha era mesmo muito certinha. A mais velha estava sempre a dizer que nós éramos umas desmazeladas, que não tomávamos conta das coisas como devia ser. No fim da roupa vir do estendal, não confiava a roupa a ninguém porque achava que ninguém passava a roupa como ela. Se fosse uma de nós a passar a roupa, ela ia passar de novo. Então a roupa do meu pai e do meu irmão é que não confiava mesmo a ninguém. Coisas dela, mas nós levávamos a vida de forma diferente. Então eu...

Outro exemplo. Eu notava quando os meus pais se chateavam. Apercebia-me porque estávamos à mesa de forma diferente e eu via que aquilo não era normal. Não os podia ver zangados. Então tinha de arranjar uma piada, uma história qualquer, para começarmos todos a rir e eles fazerem as pazes. Os meus irmãos contam isso muitas vezes. Eu nasci para ser cuidadora, entendes?

JÁ SE PREOCUPAVA COM OS OUTROS...

Qualquer coisa me comovia, eu não tenho vergonha de dizer que na minha vida profissional tinha-me de retirar muitas vezes para ninguém se aperceber que estava a sofrer com problemas duros.

DE REGRESSO À VIDA PROFISSIONAL, QUANDO VEIO PARA VISEU?

Venho para Viseu quando abre a psiquiatria. Já cá havia consultas de psiquiatria num centro de saúde, junto ao Parque Aquilino Ribeiro. Doentes que tinham de fazer determinados tratamentos ficavam de segunda a sexta-feira. À sexta-feira a família ia buscá-los. Aquilo era como um centro de dia. Depois abriu o hospital. Eu concorri para cá e comecei a trabalhar em Abraveses. Eu vim, mas, entretanto, houve vagas para um curso de especialidade em Lisboa na Escola de Enfermagem de Psiquiatria. Concorri e fui aceite. Concluí a especialidade em 2 anos, entre 1973 e 1975. Como fui bolseira tive de estar dois anos no mesmo serviço. As monitoras gostaram muito do meu trabalho, eu tive notas muito boas e disseram para eu ficar. Mas eu não gostei de estar em Lisboa. Estive contrariada, chorei muito enquanto estive lá.

REGRESSOU A VISEU?

Fiz a especialidade e voltei para cá. Vivia em Viseu, tinha um quarto no hospital. Talvez por ser de longe e por causa do serviço de noite. Isto enquanto não tive carro. Depois já ia e vinha para a Lapa.

GOSTAVA DO SEU TRABALHO?

Para se trabalhar em psiquiatria tem de se gostar muito, porque às vezes nem a família gosta dos doentes mentais. Eles eram rejeitados e, ainda agora, a maior parte ainda são, porque os escondem... tenho muitas histórias, mas o sigilo profissional obriga-me a ser prudente. Mas posso contar que tive episódios violentos. Havia doentes que conseguiam virar e partir uma mesa de madeira com mármore. Tinham forças loucas. Se o doente estiver profundamente agitado nem com 4 ou 5 enfermeiros se consegue travar a força do doente. Tanto que antigamente as mulheres não trabalhavam com homens, tinham de ser homens enfermeiros. Quando um doente fica agitado, normalmente os outros também ficam, por arrasto. Era muito complicado imobilizá-los.

ACREDITO.

Depois entrei no Serviço Comunitário. Os doentes faziam o tratamento em casa e nós íamos visitá-los, para verificar a evolução e fazer o próprio tratamento, que era uma injeção mensal. Isto aconteceu quando surgiu um medicamento, o Hadol Decanoato, que tinha mais efeito e mantinha os doentes mais calmos e mais orientados durante um mês.

O QUE MAIS LHE TOCOU NO SERVIÇO COMUNITÁRIO?

Tudo. Havia doentes no Sobral Cid que foram para lá e que nunca mais ninguém quis saber deles. Eram doentes muito furiosos. As famílias que os colocavam lá viam os doentes como eles estavam em casa, não os viam recuperados, medicados. De lá, começaram a colocar em Viseu os doentes que estavam em melhores condições e nós começámos a tentar reintegrá-los na família. Isso foi... isso foi... inescrutável. Nós responsabilizávamo-nos por tudo. Os familiares só tinham de ter condições para os ter em casa. Eles não eram a mesma pessoa. Eles no hospital tinham serviço ocupacional e estavam ocupados o dia inteiro. As pessoas é que não aceitavam. Quando começámos a ir às aldeias, a carrinha era apedrejada e tudo. Uma vez acertaram-me com uma pedra. Era a mais aventureira. A assistente social ficou, o motorista ficou e eu aproximei-me. A família era toda doente, uma mãe e dois filhos, um com a agravante de ser alcoólico. Aproximei-me da casa, começamos a conversar e ele a meio da conversa atirou-me uma pedra. A partir daí a GNR ia connosco, não arriscámos mais. Outra história foi a reintegração de um senhor que tinha uma filha acabada de nascer e que ele ainda não conhecia, pois a mulher nunca mais o tinha ido visitar. Os familiares também não iam por falta de transporte. Situações de pobreza. Quando começámos a ter as primeiras conversas com a senhora, para ela ter tempo de se preparar e preparar um quarto para receber o marido, ela respondeu que não tinha possibilidade de arranjar um quarto. Só se fosse na capoeira das galinhas e foi para lá que ele foi.

Outra história, outro senhor que o irmão era médico e a cunhada também. Esse doente era furioso e não podia ver a família. Quando o íamos buscar iam sempre 4 ou 5 enfermeiros e eu ia, pois sabíamos que ele me aceitava. Um dia ele piorou e a cunhada ligou-me, a cunhada era médica em Abraveses, eu respondi que sozinha não podia ir, apesar de ele me aceitar.

Falei com um colega para ir comigo e fomos. Chegámos à casa. Era uma casa grande, o portão estava aberto e vi-o ao fundo com uma machada na mão e comecei a conversar com ele. Falámos imenso tempo. Conversei muito e convenci-o a dar-me a machada e perguntei-lhe se podíamos entrar para continuar a conversar, ele aceitou e acalmou. Perguntámos se queria ir fazer a injeção a Viseu. Ele aceitou e conseguimos levá-lo para Viseu. Ele ia sempre a olhar para trás para ver se via o irmão e a cunhada.

DISSE HÁ POUCO QUE NASCEU PARA SER CUIDADORA. TEVE ESSA NOÇÃO QUANDO?

Sempre foi a minha maneira de ser. Por exemplo, quando via algumas pessoas a trabalhar no campo e que só levavam um pedacinho de pão sem nada ou só com um pedaço de cebola, comovia-me. Era novita, mas essas coisas tocavam-me, não sei porquê...

SENTIU TRISTEZA QUANDO SE REFORMOU?

Por que me reformei? Porque eu podia concorrer a chefias, mas eu nunca quis chefias. Não foi para ficar sentada num gabinete que fui para enfermagem. Um ano, em fevereiro o chefe disse-me que em março ia ficar a chefiar o serviço. E que, para facilitar, a escala já está feita. Nesse mesmo dia fui à secretaria pedir o tempo de serviço. Faltava-me tempo, mas chegava e pedi na mesma a papelada para a reforma. O meu chefe deixou-me a escala feita de março e no dia 1 de abril eu tinha a reforma. Só me pesou um pouco a consciência por não avisar o meu chefe, pois ele teve de alterar a escala toda. É a única coisa que me pesa assim mesmo forte.

O Dr. Fidalgo, na altura, disse-me que ia muito nova para a reforma e que iria ter problemas. Aconselhou-me a escrever o que era a psiquiatria há 30 anos e o que é agora.

ESCREVEU?

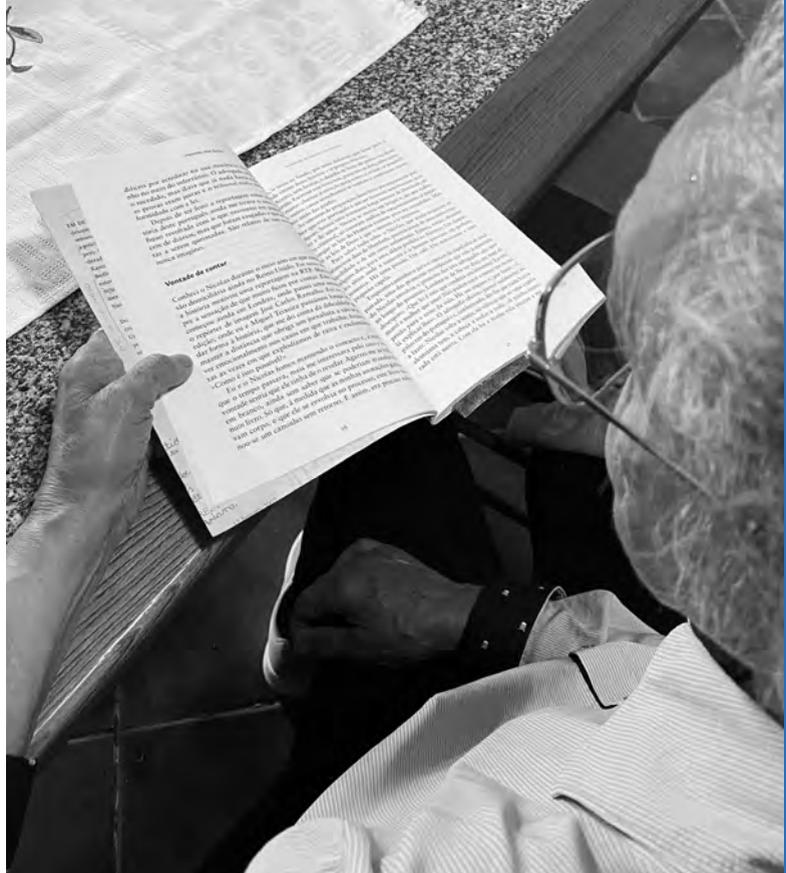
Não, não fiz nada disso.

COMO FOI ENTRAR NA REFORMA?

Tive uma profissão linda de morrer. Depois de me reformar, fui para a Felgueira trabalhar durante 3 meses e depois propuseram-me tomar conta da mãe de um senhor, mas não aceitei.

NUNCA PENSOU EM CONSTITUIR FAMÍLIA?

Nunca senti necessidade. Aos 16, 17 anos tive aquela fase, mas depois nunca mais. Uma pessoa que se case e tenha filhos, não se consegue entregar tanto ao trabalho. Se eu tivesse filhos e estivesse no hospital e ele



adoecesse a minha cabeça já não estaria no trabalho. Talvez se tivesse aparecido uma pessoa, talvez abdicasse, mas não aconteceu.

COMO PASSA OS SEUS DIAS?

A ler, a caminhar. Esta semana fiz tratamento outra vez no IPO. Nesses dias fico mais debilitada.

ESTÁ A PASSAR AGORA POR UMA FASE MENOS POSITIVA DE SAÚDE

Desde 2018. Fiz mastectomia da mama esquerda e na altura pensei logo que era para morrer. No dia 24 de abril de 2018 fui operada e ainda continuo de 3 em 3 semanas a fazer tratamento. Tomo o comprimido Anastrozol diariamente desde 2018. Cá vou andando. Tenho aqueles dias assim... olha não me apetece fazer nada.

ONDE ESTAVA NO DIA 25 DE ABRIL DE 1974?

Em Lisboa. Estava no curso de especialização. Lembro-me que estávamos no lar e as monitoras ligaram-nos a avisar que não iríamos ao estágio no dia seguinte e que nos iriam levar o almoço ao lar. Ficámos e, a meio da noite, começámos a ouvir o Grândola Vila Morena na rádio. Eu tinha comprado um gravador de fita, para gravar algumas coisas na especialidade e aproveitei para gravar o que estava a passar na rádio. No dia seguinte, vimos os militares a passar, com as chaimites. Lembro-me de ver o Salgueiro Maia. Era um homem lindo de morrer. ●

“

EM TODAS AS RUAS TE ENCONTRO

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu
ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco

“Em Todas as Ruas te Encontro”
em *Pena Capital* de **Mário Cesariny**. 1957 (1.ª ed.)
Edição utilizada: Pena Capital, Assírio & Alvim (2021)



Fotografia: RF

Rua Quelha da Gata

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, “quelha” significa caminho rústico estreito, geralmente entre muros ou valados. Tem como sinónimos os termos “azinhaga”, “quelho”, “ruela” ou “viela” e como derivados as “quelhadas”, “quelhas” e “quelhinhas”.

Existem muitas Ruas da Quelha em Portugal. Podemos começar o roteiro no concelho vizinho, pela Quelha da Escola Velha, em Carregal do Sal. Seguimos para Santa Comba Dão, exatamente para outra Rua da Quelha. Em Abraveses (Viseu) existe outra com o mesmo nome. Já em Lisboa, para terminar os exemplos, encontramos a Rua das Quelhas.

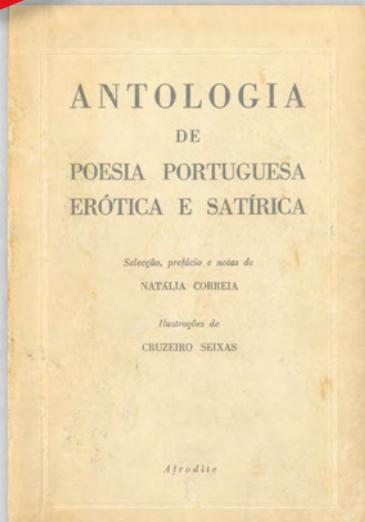
Em Ervedal (Oliveira do Hospital) encontramos uma homónima Rua da Quelha da Gata.

Numa aldeia onde o lobo assume o protagonismo, como animal protetor da aldeia, a quelha da gata passa despercebida por muitos. Não se sabe ao certo se lá vivia uma gata. Se sim, que nome teria a gata que batizou a rua? Seria uma gata vadia, abandonada?

A verdade é que hoje por lá não se avista qualquer felino, talvez porque a quelha ganhou o estatuto de rua e o aumento de movimento terá afugentado o animal. ●

**LIVROS
CENSURADOS**

ANTOLOGIA DE POESIA ERÓTICA E SATÍRICA, DE NATÁLIA CORREIA



Em 1965, a obra de Natália Correia foi imediatamente apreendida pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), considerada um escândalo literário e matéria de julgamento em Tribunal Plenário. A autora, o editor e muitos dos poetas no livro reunidos, foram acusados de ofender o “pudor geral”, a “decência”, a “moralidade pública” e os “bons costumes”.

Antologia de Poesia Erótica e Satírica foi “um marco relevante por divulgar inúmeros textos poéticos ditos imorais”, segundo Daniel Pires, presidente da direção do Centro de Estudos Bocageanos. Uma coleção notável de literatura erótica portuguesa.

em www.bertrand.pt

DESPACHO:
Em / / 196.....

Distribuído para leitura em 24 / 12 / 1965
Recebido em 27 / 12 / 1965 (30/XII/1965)

Proibido
YJ

RELATÓRIO N.º 7644

Autor: Natália Correia (Seleção, Prefácio e Notas)
~~Produtor:~~
Editor: Fernando Ribeiro de Mello-(Afrodite)
Proveniência: ?
Composto e impresso na Sociedade Astória, Lda.

ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA ERÓTICA
E SATÍRICA
(dos Cancioneiros Mediavais À Actualidade)

Apesar do pretensioso prefácio da autora da seleção, eivado de tendências sartreanas e das intêncões que daí derivam, não é possível admitir que seja viável a circulação deste livro em Portugal, dado o seu caracter pornográfico.

Este aspecto do livro é acentuado pelo facto de uma das partes mais salientes dele ser a transcrição de poesias editadas outrora em livros clandestinos, atribuídas a Bocage e a Junqueiro, as quais têm sido consideradas apócrifas por muitos estudiosos.

Não fica por aqui a falta de escrupulos revelada nesta obra, pois são apresentadas como inq...
./.

9620

Fotografia: DR



Quando elas se juntam!

“Quando elas se juntam!” desponta uma conversa aberta sobre exemplos de liderança feminina. Histórias ricas de emoção e alívio, por o exercício de direitos se praticar em cidadania, tanto mais quanto maior for a participação delas.

Quando elas se juntam revelam-se mulheres especiais e tão iguais a tantas outras que, nas suas experiências de vida, são um exemplo de determinação no que acreditam, na família, na profissão, na sociedade. Mais velhas, mais jovens, mais experientes ou mais sonhadoras, contagiam quem as ouve falar de religião, política, saúde, educação, música, justiça, cultura, entre tantos papéis económicos e sociais nos quais têm triunfado.

A sabedoria popular acautela que as conversas são como as cerejas. Quando se começa, é muito difícil parar. É caso para atestar que isso também acontece quando elas se juntam.

Conversas que surgem pela motivação de um ativismo cívico e político e pela vontade de revelar exemplos que inspirem sobretudo as mais novas a seguir os passos corajosos e afincados de referências nas diferentes áreas profissionais. Mulheres singulares, com visões diferentes, mas sentimentos comuns.

Em formato de mesa-redonda, moderada por Sofia Relvas, diferentes mulheres juntaram-se na Fundação Lapa do Lobo, em diferentes momentos, para conversar sobre a mulher em diversas circunstâncias, como a morte, a política e a liberdade.

A MULHER E AS CIRCUNSTÂNCIAS DA MORTE

Sobre as circunstâncias da morte, nem mesmo a mais preparada o está sempre.

Para **Eugénia Cunha**, Diretora do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Delegação do Sul, Lisboa e Professora Catedrática Convidada na Universidade de Coimbra, “há mortes na nossa vida em que não há preparação possível, mas seguramente que tenho uma forma mais serena de lidar com a morte que outras pessoas que não veem pessoas mortas todos os dias. Mas isso não nos prepara para perder quem nós gostamos”.

Mas a morte foi também mote para se falar na vida e na maternidade, “um fator ainda determinante na vida profissional das mulheres. A maternidade é um dos sonhos de qualquer mulher, mas o que nós vemos atualmente é mulheres a tentar fazer carreira, a desenvolver os seus trabalhos e a ter filhos cada vez mais tarde”, afirma **Maria José Mouraz**, Médica, especialista de Medicina Geral e Familiar, especialista em Hidrologia e Termalismo e médica perita de Medicina Legal. Sobre esta temática, Eugénia Cunha reforça que “o maior desafio que a mulher hoje enfrenta é ousar e lutar pela igualdade, mas, sobretudo, pelo mérito. Ou seja, fazer-se reconhecer e impor-se pelo seu próprio valor.” Algo que a Cabo **Alzira Barros**, da Guarda Nacional Republicana. Órgão de Polícia Criminal – Investigação Criminal na Área da Violência Doméstica, sublinha: “Nunca deixei que o facto de ser mulher interferisse na minha vida profissional. Não sinto que o facto de ser mulher interfira no meu trabalho, apesar da maioria das vítimas serem mulheres.”

No meu trabalho, sendo mulher, há vítimas que se identificam mais comigo, claro, mas também há mulheres que preferem ser indagadas por homens. Nunca senti grande diferença nisso”.

Entre a vida e a morte, na sociedade, sobre igualdade de género ou igualdade de oportunidades, **Sofia Relvas**, moderadora da iniciativa, salienta que “é fundamental falar da importância da mulher e do papel que desempenha na sociedade, na profissão, no território, na educação, na política e em tantos outros contextos e ambientes”.

Para tal, compete não só aos homens como às mulheres reconhecerem essas diferenças e trabalharem para as diluir, nomeadamente na política.

A MULHER E AS CIRCUNSTÂNCIAS DA POLÍTICA

Segundo a moderadora **Sofia Relvas**, “é preciso inspirar os jovens rapazes no sentido de eles ajudarem e permitirem que a igualdade de oportunidades comece em casa, nas suas relações mais próximas e se repercute no trabalho”. **Ana Gomes**, Jurista, antiga diplomata e política portuguesa. Ex-deputada do Parlamento Europeu e atual comentadora política, adverte que, “numa sociedade patriarcal, não devem ser só os homens a reconhecer que têm de desconstruir a sua masculinidade, isto é, o machismo inerente à forma como muitos homens são educados nesta sociedade. Há homens conscientes de que, numa sociedade igualitária, é preciso mudar e vermos livres desses preconceitos patriarcais”. Nessa linha de raciocínio, “também as mulheres precisam de trabalhar para alterar os preconceitos patriarcais. Mesmo não querendo, elas acabaram por ser imbuídas desses mesmos preconceitos. Muitas vezes isso revela-se na forma como educam de forma diferente os seus filhos e filhas, segregando as tarefas de uns e outros”.

Isabel Azevedo, Vice-presidente da Câmara Municipal de Carregal do Sal, destaca a dificuldade de encontrar mulheres disponíveis para fazer política. “A mulher nem sempre quer estar na linha da frente. A mulher está sempre pronta a ajudar, mas depois pensa no resto. Por isso, prefere ajudar e não estar na linha da frente. Ainda não há incentivo a que a mulher participe mais ativamente na política. Refiro-me a incentivos para a reconciliação da vida profissional com a vida familiar e pessoal. As mulheres na política são mais escrutinadas, mais observadas. A mulher tem de fazer mais, para os outros perceberem que tem mérito. Há cargos que, por serem de concurso, as mulheres estão em maioria. Nos cargos por nomeação, nem sempre acontece”.

A A MULHER E AS CIRCUNSTÂNCIAS DA LIBERDADE

Do ponto de vista das circunstâncias da liberdade, **Manuela Paupério**, Juíza desembargadora e antiga presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, vai ao encontro da ideia de Isabel Azevedo, ao referir que “há ainda muito para fazer. Falta ainda, por exemplo, termos as mulheres nos lugares a que elas têm direito, por mérito, por direito próprio. Muitas das vezes essas mulheres não ocupam esses lugares porque quem está, digamos, a nomear, ainda são homens”.

Porém, antes de 1974 as diferenças de género eram muito mais significativas. **Isabel Nery**, Jornalista, ensaísta, investigadora e biógrafa, autora de várias obras de não-ficção, refere que “no que respeita à igualdade de género, há consequências da revolução fatuais, como por exemplo a mudança da lei, que permite às mulheres fazerem uma vida como pessoas independentes e autónomas, podendo decidir o que fazer com a sua vida. O 25 de abril trouxe alterações na própria estrutura do país. O país abre-se ao mundo. Isso é também muito importante, do ponto de vista da mudança económica e social que se vai operar desde a revolução. As mudanças trazidas pela revolução não são só importantes para as mulheres. São importan-

tes para todo o país. Para as famílias, para os homens. É preciso reafirmar que as questões de género não se restringem aos direitos que as mulheres precisam de conquistar. As questões de género são essenciais para que o país se desenvolva de uma maneira democrática, livre e que tenha um caminho mais aberto, para o próprio país crescer”.

Manuela Paupério recorda o ambiente que se viveu na altura: “O 25 de abril foi um momento de festa, em que eu percebi, nos meus 18 anos, que a vida se abria noutros tons, diferentes daqueles em que eu tinha vivido até aí. Foi e continua a ser um dos dias mais felizes da minha vida. É uma data que não nos devemos cansar de celebrar”. Segundo Sofia Relvas, “o tema da liberdade é consensual num aspeto fundamental: muito temos a reconhecer desta conquista do 25 de abril, mas, de facto, ainda muito há para conquistar. O país está unido a sentir que conquistou uma liberdade, que todos os dias tem de ser reconquistada”.

É com esse sentimento de constante reconquista da liberdade que irão surgir mais encontros em que elas se juntam para refletir sobre o papel das mulheres nas mais diversas áreas da sociedade. ●

Frango desfiado com batata-doce e coulis de framboesa



Ilustração Maria Moraes
Criado em Adobe Firefly

Tempo de preparação: 20 minutos

Tempo de confeção: 45 minutos

4 pessoas

1 frango do campo

1 kg de batata-doce de Aljezur

2 pés de alecrim

2 dentes de alho picados

1 limão

1 copo de vinho branco

Azeite virgem extra q.b.

1 colher de chá de colorau

Pimenta preta moída no momento q.b.

Sal marinho q.b.

Para o coulis:

450 g de framboesas frescas ou congeladas

50 g de açúcar amarelo



Rita Canas Mendes

Escritora, tradutora
e editora.

Rita Canas Mendes nasceu em Lisboa, em 1984. Formou-se em Filosofia e tem uma pós-graduação em Edição. Depois de ter trabalhado em diversas editoras, atualmente dedica-se à tradução literária - tendo traduzido obras de Margaret Atwood, Lucia Berlin, Patricia Highsmith e Edna O'Brien, entre outros - e à escrita. Tem sete obras publicadas, todas em áreas distintas, do guia prático ao livro infantil, havendo outras três em processo de publicação.

Pré-aqueça o forno a 180 °C e forre um tabuleiro com papel de alumínio.

Comece por preparar o frango (aquilo a que os anglófonos chamam «galinha», mas não se deixe enganar) do campo. Se não for do campo, não prossiga, porque ninguém gosta de comer criaturas infelizes, a menos que seja sádico, caso em que poderá parar de ler, por não ser, definitivamente, o público-alvo desta receita. Encha-se de coragem e ampute as patas ao galináceo (não seja covarde, como eu, que peço para o fazerem no talho) e prive-o da cabeça, incluindo o pescoço, para não ser recordado ao longo do processo de que a criatura já teve alma. Não feche os olhos, de modo a garantir que mantém a sua mão intacta. (O frango não oferecerá resistência, pode ficar descansado.) Em seguida, descarte estas extremidades ou reserve para usar noutro prato (poderia sugerir uma canja, por exemplo, mas não gosto de me imiscuir na vida dos outros.) Não passe o frango por água, ao contrário do que muitas receitas sugerem, pois apenas disseminará eventuais agentes patogénicos. Em vez disso, coloque o pato diretamente numa assadeira, que pode ser de vidro. Corte o limão ao meio, esprema uma das metades de limão sobre o pato, e, com cuidado, coloque a outra metade no interior da carcaça, com a polpa voltada para dentro. Tempere com sal, pimenta preta moída, o colorau, o alho picado e as folhas de alecrim. Dê-lhe uma boa esfregadela, para os sabores penetrarem bem. Em seguida, beba o copo de vinho e fume um cigarro. Quando terminar, coloque o pato no forno.

Lave muito bem as batatas que trouxe de Aljezur, para retirar quaisquer restos de terra que elas, por sua vez, tenham trazido consigo. Como num salão, apare as pontas, um dedo apenas, e trate das raízes, pois ninguém gosta de cabelos no prato. Seque-as cuidadosamente, para que não lhe fujam quando as segurar, e corte-as em rodelas de tamanho uniforme. (A batata não engorda menos se as cortar finas, mas cozinha mais depressa. Deve ter atenção, pois as fatias magras demais queimam-se num instante, tal como o vinho sobe rapidamente à cabeça de quem tem pouca carne nos ossos. Verifique se a carne está a assar bem e, se necessário, ajuste a temperatura, pois o peru tem tendência a secar.) Disponha as rodelas no tabuleiro previamente forrado com papel de alumínio e tempere-as com um fio de azeite generoso, sal e pimenta preta. Misture-as, para que fiquem untadas de ambos os lados, e espalhe-as no tabuleiro de modo a formar uma única camada, se possível. Se não for possível, aceitemos aquilo que não podemos mudar. A equanimidade é uma virtude. Levemos o tabuleiro ao forno.

Enquanto o peru e as batatas assam, prepare o coulis. Pode usar framboesas frescas ou congeladas, que são igualmente nutritivas e ainda mais frescas. Com a ponta de uma faca afiada (as facas de cozinha devem estar sempre bem afiadas, por questões de eficiência e segurança. Poderá afiá-las com um afiador ou encostando a lâmina na esquina da bancada de pedra – caso não tenha um tampo de fórmica –, roçando-a depressa e sucessivamente sempre no mesmo sentido, com total concentração na tarefa para que não haja acidentes), corte a embalagem, com cuidado para não derramar o líquido. Se verter algumas gotas, proceda à sua limpeza de imediato, pois é importante que o espaço de trabalho esteja limpo e desimpedido, o que lhe poupará tempo e desgraças. (A minha avó escorregou num fio de esparguete na noite de Natal e acabámos todos no hospital, com uma perna partida. A minha avó, não todos nós.) Enquanto prepara o coulis, verifique se é preciso regar a perna de peru com os sucos do assado. Se necessário, regue com a ajuda de uma colher. Com a ajuda de uma colher, coloque as framboesas num copo misturador, juntamente com o açúcar. A receita pede 50 gramas mas não exagere, 30 gramas serão suficientes. Triture tudo à velocidade máxima e, em seguida, coe num passador de rede fina. O sumo com que ficar é o coulis. O nome estrangeiro é apenas decorativo. A apresentação, nestas coisas, faz toda a diferença.

Quando a perdiz estiver pronta, retire do forno e deixe arrefecer, para poder desfiar. (Garanta que as batatas gratinadas estão a dourar e, se necessário, acrescente mais queijo.) Uma vez arrefecida, desfie a perdiz, com o cuidado de retirar quaisquer pequenos ossos e chumbos que possa haver e que são o grande inconveniente da caça. Reserve quente.

Quando as batatas estiverem prontas, transfira-as para um prato de servir e deixe arrefecer um pouco. Dê um pequeno murro a cada uma, com mais ou menos força, dependendo do seu grau de frustração nesta altura. Depois de recuperar a compostura, espalhe o faisão desfiado por cima das batatas fritas e finalize com o coulis em fio, mantendo toda a elegância que conseguir. Por último, deixe-se de coisas, sente-se e coma.

Nota: Esta receita é para quatro pessoas, mas, com algum treino, um indivíduo conseguirá executá-la sozinho. (Se preferir e for capaz, o mesmo indivíduo também poderá consumi-la por inteiro, o que, aliás, será inteiramente justo.)

• As portas que abril abriu •

Em ano de celebração do 50º aniversário da Revolução de 25 de abril, fomos ouvir a opinião de 25 mulheres, frequentadoras e monitoras dos diferentes cursos a funcionar no Edifício Multifuncional da Fundação Lapa do Lobo. São rostos que contam a sua própria história. Mulheres com memórias passadas, mas também com sonhos futuros, que nos revelam a sua opinião sobre as portas que abril abriu.

“ Na frente de todos nós
povo soberano e total
que ao mesmo tempo é a voz
e o braço de Portugal.
Ouvi banqueiros fascistas
agiotas do lazer
latifundiários machistas
balofos verbos de encher
e outras coisas em istas
que não cabe dizer aqui
que aos capitães progressistas
o povo deu o poder!
Ese esse poder um dia
o quiser roubar alguém
não fica na burguesia
volta à barriga da mãe!
Volta à barriga da terra
que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu!

José Carlos Ary dos Santos
excerto de “As portas que abril abriu” 1975 (1.ª ed.)
Edição utilizada: Edições Avante (2022)

“

*Era uma vez um país
onde entre o mar e a guerra
vivia o mais infeliz
dos povos à beira-terra.
Onde entre vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras
um povo se debruçava
como um vime de tristeza
sobre um rio onde mirava
a sua própria pobreza.*



"O 25 de abril trouxe
o meu pai"

*Era uma vez um país
onde o pão era contado*

*onde quem tinha a raiz
tinha o fruto arrecadado
onde quem tinha o dinheiro
tinha o operário algemado
onde suava o ceifeiro
que dormia com o gado
onde tossia o mineiro
em Aljustrel ajustado
onde morria primeiro
quem nascia desgraçado.
Era uma vez um país*



"O 25 de abril trouxe liberdade
para falarmos sem medo"

de tal maneira explorado
pelos consórcios fabris
pelo mando acumulado
pelas ideias nazis
pelo dinheiro estragado
pelo dobrar da cerviz
pelo trabalho amarrado

que até hoje já se diz
que nos tempos do passado
se chamava esse país
Portugal suicidado.

Ali nas vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras
vivia um povo tão pobre
que partia para a guerra
para encher quem estava podre
de comer a sua terra.

Um povo que era levado
para Angola nos porões
um povo que era tratado
como a arma dos patrões
um povo que era obrigado



"Abril deu-nos voto
na matéria"

a matar por suas mãos
sem saber que um bom soldado
nunca fere os seus irmãos.

Ora passou-se porém
que dentro de um povo escravo
alguém que lhe queria bem
um dia plantou um cravo.

Era a semente da esperança
feita de força e vontade
era ainda uma criança
mas já era a liberdade.

Era já uma promessa
era a força da razão
do coração à cabeça
da cabeça ao coração.

Quem o fez era soldado
homem novo capitão
mas também tinha a seu lado
muitos homens na prisão.

Esses que tinham lutado
a defender um irmão
esses que tinham passado
o horror da solidão
esses que tinham jurado
sobre uma cõdea de pão



"O 25 de abril também abriu
portas a mais falta de respeito"

ver o povo libertado
do terror da opressão.

Não tinham armas é certo
mas tinham toda a razão
quando um homem morre perto
tem de haver distanciação
uma pistola guardada
nas dobras da sua opção
uma bala disparada
contra a sua própria mão
e uma força perseguida
que na escolha do mais forte

faz com que a força da vida
seja maior do que a morte.

Quem o fez era soldado
homem novo capitão
mas também tinha a seu lado
muitos homens na prisão.
Posta a semente do cravo
começou a floração
do capitão ao soldado
do soldado ao capitão.
Foi então que o povo armado
percebeu qual a razão
porque o povo despojado



"O 25 de abril abriu portas à
revolta e à tristeza"

lhe punha as armas na mão.
Pois também ele humilhado
em sua própria grandeza
era soldado forçado
contra a pátria portuguesa.

Era preso e exilado
e no seu próprio país
muitas vezes estrangulado
pelos generais senis.

Capitão que não comanda
não pode ficar calado
é o povo que lhe manda
ser capitão revoltado

é o povo que lhe diz
que não ceda e não hesite
- pode nascer um país

do ventre duma chaimite.

Porque a força bem empregue
contra a posição contrária
nunca oprime nem persegue

- é força revolucionária!

Foi então que Abril abriu

as portas da claridade
e a nossa gente invadiu
a sua própria cidade.



"Abriu portas à
igualdade de género"

Disse a primeira palavra
na madrugada serena
um poeta que cantava
o povo é quem mais ordena.

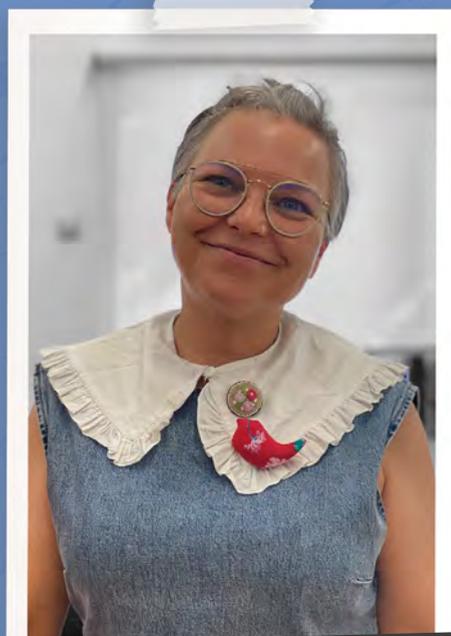
Então por vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras
desceram homens sem medo
marujos soldados <<páras>>
que não queriam o degrado
dum povo que se separa.

E chegaram à cidade
onde os monstros se acoitavam
era a hora da verdade
para as hienas que mandavam
a hora da claridade
para os sóis que despontavam
e a hora da vontade
para os homens que lutavam.

Em idas vindas esperas
encontros esquinas e praças
não se pouparam as feras
arrancaram-se as mordanças
e o povo saiu à rua



"Abril abriu portas a mais
alegria e boa disposição"



"Abril abriu portas para o
poder, de fazer ou não fazer"

com sete pedras na mão
e uma pedra de lua
no lugar do coração.

Dizia soldado amigo
meu camarada e irmão
este povo está contigo

nascemos do mesmo chão
trazemos a mesma chama
temos a mesma razão
dormimos na mesma cama
comendo do mesmo pão.

Camarada e meu amigo
soldadinho ou capitão
este povo está contigo
a malta dá-te razão.

Foi esta força sem tiros
de antes quebrar que torcer
esta ausência de suspiros
esta fúria de viver
este mar de vozes livres
sempre a crescer a crescer
que das espingardas fez livros
para aprendermos a ler
que dos canhões fez enfadas
para lavrarmos a terra



"Abriu portas a melhorias
na minha vida"

e das balas disparadas
apenas o fim da guerra.
Foi esta força viril
de antes quebrar que torcer
que em vinte e cinco de Abril
fez Portugal renascer.

Em Lisboa capital
dos novos mestres de Aviz
o povo de Portugal
deu o poder a quem quis.

Mesmo que tenha passado
às vezes por mãos estranhas
o poder que ali foi dado
saiu das nossas entranhas.

Saiu das vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras
onde um povo se curvava
como um vime de tristeza
sobre um rio onde mirava
a sua própria pobreza.

E se esse poder um dia
o quiser roubar alguém



"Deu-me melhores
condições de vida"

não fica na burguesia
volta à barriga da mãe.
Volta à barriga da terra
que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu.

Essas portas que em Caxias
se escancararam de vez
essas janelas vazias
que se encheram outra vez
e essas celas tão frias
tão cheias de sordidez
que espreitavam como espias
todo o povo português.

Agora que já floruiu
a esperança na nossa terra
as portas que Abril abriu
nunca mais ninguém as cerra.

Contra tudo o que era velho
levantado como um punho
em Maio surgiu vermelho
o cravo do mês de Junho.
Quando o povo desfilou
nas ruas em procissão
de novo se processou
a própria revolução.



"Abril abriu portas
para se poder pensar"



"Abril abriu também as portas
ao exagero de expressão"

Mas eram olhos as balas
abraços punhais e lanças
enamoradoas as alas
dos soldados e crianças.
E o grito que foi ouvido
tantas vezes repetido
dizia que o povo unido
jamais seria vencido.

Contra tudo o que era velho
levantado como um punho
em Maio surgiu vermelho
o cravo do mês de Junho.
Então operários mineiros
pescadores e ganhões
marçanos e carpinteiros
empregados dos balcões
mulheres a dias pedreiros
reformados sem pensões
dactilógrafos carteiros
e outras muitas profissões
souberam que o seu dinheiro
era presa dos patrões.
A seu lado também estavam
jornalistas que escreviam
actores que se desdobravam
cientistas que aprendiam



"Agora tenho a possibilidade de
optar pelas minhas escolhas"

poetas que estrebuchavam
cantores que não se vendiam
mas enquanto estes lutavam
é certo que não sentiam
a fome com que apertavam
os cintos dos que os ouviam.
Porém cantar é ternura
escrever constrói liberdade
e não há coisa mais pura
do que dizer a verdade.
Uns e outros irmanados
na mesma luta de ideais
ambos sectores explorados
ficaram partes iguais.
Entanto não descansavam
entre pragas e perjúrios
agulhas que se espetavam
silêncios boatos murmúrios
risinhos que se calavam
palácios contra tugúrios
fortunas que levantavam
promessas de maus augúrios
os que em vida se enterravam
por serem falsos e espúrios
maiorais da minoria
que diziam silenciosa



"O 25 de abril deu-me
possibilidade de estudar"



"Agora posso expressar-
-me e dizer o que sinto"

e que em silêncio fazia
a coisa mais horrórosa:
minar como um sinapismo
e com ordenados régios
o albor do socialismo
e o fim dos privilégios.
Foi então se bem vos lembro
que sucedeu a vindima
quando pisámos Setembro
a verdade veio acima.

E foi um mosto tão forte
que sabia tanto a Abril
que nem o medo da morte
nos fez voltar ao redil.

Ali ficámos de pé
juntos soldados e povo
para mostrarmos como é
que se faz um país novo.

Ali dissemos não passa!
E a reacção não passou.

Quem já viveu a desgraça
odeia a quem desgraçou.
Foi a força do Outono
mais forte que a Primavera
que trouxe os homens sem dono
de que o povo estava à espera.



"Trouxe-me liberdade
para viver"

Foi a força dos mineiros
pescadores e ganhões
operários e carpinteiros
empregados dos balcões
mulheres a dias pedreiros
reformados sem pensões
dactilógrafos carteiros
e outras muitas profissões
que deu o poder cimeiro
a quem não queria patrões.
Desde esse dia em que todos
nós repartimos o pão
é que acabaram os bodos

— *cumpriu-se a revolução.*

Porém em quintas vivendas
palácios e palacetes
os generais com prebendas
caciques e cacetetes
os que montavam cavalos
para caçarem veados
os que davam dois estalos
na cara dos empregados
os que tinham bons amigos
no consórcio dos sabões
e coçavam os umbigos
como quem coça os galões
os generais subalternos



"Abriu portas a uma
vida melhor"



"Abriu portas para as
mulheres poderem votar"

que aceitavam os patrões
os generais inimigos
os generais garanhões
teciam teias de aranha
e eram mais camaleões
que a lombriga que se amanha
com os próprios cagalhões.
Com generais desta apanha
já não há revoluções.

Por isso o onze de Março
foi um baile de Tartufos
uma alternância de terços
entre ricos e bufos.
E tivemos de pagar
com o sangue de um soldado
o preço de já não estar
Portugal suicidado.

Fugiram como cobardes
e para terras de Espanha
os que faziam alardes
dos combates em campanha.

E aqui ficaram de pé

capitães de pedra e cal
os homens que na Guiné
aprenderam Portugal.

Os tais homens que sentiram



"O 25 de abril abriu-me as
portas para Portugal"



"Abril abriu portas para
deixarmos de ter medo"

que um animal racional
opõe àqueles que o firam
consciência nacional.

Os tais homens que souberam
fazer a revolução
porque na guerra entenderam
o que era a libertação.

Os que viram claramente
e com os cinco sentidos
morrer tanta tanta gente
que todos ficaram vivos.

Os tais homens feitos de aço
temperado com a tristeza
que envolveram num abraço
toda a história portuguesa.

Essa história tão bonita
e depois tão maltratada

por quem herdou a desdita
da história colonizada.

Dai ao povo o que é do povo
pois o mar não tem patrões.

- Não havia estado novo
nos poemas de Camões!

Havia sim a lonjura
e uma vela desfraldada
para levar a ternura



"Abriu portas e vontades
para fazer coisas"

à distância imaginada.
Foi este lado da história
que os capitães descobriram
que ficará na memória
das naus que de Abril partiram
das naves que transportaram
o nosso abraço profundo
aos povos que agora deram
novos países ao mundo.

Por saberem como é
ficaram de pedra e cal
capitães que na Guiné
descobriram Portugal.
Em sua pátria fizeram
o que deviam fazer:
ao seu povo devolveram
o que o povo tinha a haver:
Bancos seguros petróleos
que ficarão a render
ao invés dos monopólios
para o trabalho crescer.

Quindastes portos navios
e outras coisas para erguer
antenas centrais e fios

dum país que vai nascer.

Mesmo que seja com frio



"Trouxe aumento de
salários"

é preciso é aquecer
pensar que somos um rio
que vai dar onde quiser

pensar que somos um mar
que nunca mais tem fronteiras

e havemos de navegar
de muitíssimas maneiras.

No Minho com pés de linho
no Alentejo com pão
no Ribatejo com vinho
na Beira com queijão
e trocando agora as voltas
ao vira da produção
no Alentejo bolotas
no Algarve maçapão
vindimas no Alto Douro
tomates em Azeitão
azeite da cor do ouro
que é verde ao pé do Fundão
e fica amarelo puro
nos campos do Balsizão.

Quando a terra for do povo
o povo deita-lhe a mão!

É isto a reforma agrária



"O 25 de abril devolveu
os pais a muita gente"

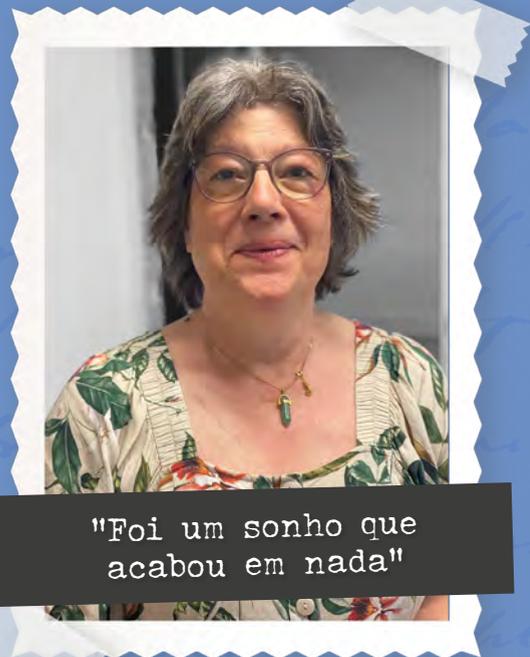
em sua própria expressão:
a maneira mais primária
de que nós temos um quinhão
da semente proletária
da nossa revolução.

Quem a fez era soldado
homem novo capitão
mas também tinha a seu lado
muitos homens na prisão.

De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
um menino que sorriu
uma porta que se abriu
um fruto que se expandiu
um pão que se repartisse
um capitão que seguiu
o que a história lhe predisse

e entre vinhas sobredos
vales socalcos searas
serras atalhos veredas
lezírias e praias claras

um povo que levantava
sobre um rio de pobreza
a bandeira em que ondulava
a sua própria grandeza!



"Foi um sonho que
acabou em nada"

De tudo o que Abril abriu
ainda pouco se disse
e só nos faltava agora
que este Abril não se cumprisse.

Só nos faltava que os cães
viessessem ferrar o dente
na carne dos capitães
que se arriscaram na frente.

Na frente de todos nós
povo soberano e total
que ao mesmo tempo é a voz
e o braço de Portugal.

Ouvi banqueiros fascistas
agiotas do lazer
latifundiários machistas
balofos verbos de encher
e outras coisas em istas
que não cabe dizer aqui
que aos capitães progressistas
o povo deu o poder!

E se esse poder um dia
o quiser roubar alguém
não fica na burguesia
volta à barriga da mãe!



Fotografias: RF

"Abril abriu a possibilidade de,
enquanto mulher, fazer o que gosto"

*Volta à barriga da terra
que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu! "*

José Carlos Ary dos Santos
excerto de "As portas que abril abriu" 1975 (1.ª ed.)
Edição utilizada: Edições Avante (2022)



O mundo de Lobo Antunes

Ficções fotográficas de Ana Carvalho

A ideia de criar um tema com o título desta exposição surgiu quando, depois de ler a crónica “O encontro” (afinal um desencontro), lembrei-me que tinha uma fotografia com dois vultos que se cruzam sem se encontrarem. Decidi então ir em busca de outras imagens que me pareciam irradiar o ambiente que envolve a obra do Lobo Antunes. A minha intenção não é, todavia, ilustrá-la, mas dialogar com ela. Em geral, não fotografar pessoas, mas, quando o faço, é por serem parte de uma dada composição. Aqui as pessoas fotografadas sem qualquer intenção específica transformam-se nas personagens (vozes), quase sempre solitárias, imbuídas de tristeza e de melancolia, que imagino saídas dos livros do Lobo Antunes.

Escolhi imagens com um ambiente luminoso, mas, ao mesmo tempo, algo sombrio, como uma lembrança ou um presságio, que

captei em cenas retiradas do quotidiano.

Com as mais abstractas, vermelhas, pretendo representar poeticamente a memória omnipresente na obra de Lobo Antunes, ora vaga, volátil, fugidia, estilhaçada, ora impenetrável, imprevisível, enganadora. Um vazio a preencher sempre de novo.

As fachadas, paredes, janelas, que gosto de fotografar pela sua geometria, sugerem algo que existe para além delas, por detrás delas, o mistério das vidas que escondem. São cenários possíveis para histórias por contar.

Já várias pessoas me disseram que achavam a minha obra “paradoxal”. A princípio, estranhei este atributo, mas, de facto, mais do que mostrar a realidade à superfície, procuro penetrar na realidade invisível por detrás dela exprimindo muitas vezes justamente o contrário do que está à vista.



Este título desta [série de fotografias] deixa-me perplexo porque não possuo nenhum mundo. E nem sequer estou certo de me possuir a mim mesmo. Penso que a Ana decidiu ilustrar, à sua maneira, o que ela considera um universo ficcional. É evidente que existe uma coerência na minha obra, é evidente também que os livros formam um continuum, mas não me cabe a mim elucidá-lo. Essa tarefa compete ao leitor. A Ana entendeu-o assim e dele dá testemunho nas suas fotografias. Não tenho mais que aceitá-lo. O que me parece importante é que a sua obra tem evoluído no sentido aparentemente paradoxal de uma simplicidade complexa e, sobretudo nos últimos trabalhos que vi, afigura-se-me que a sua riqueza reside principalmente na aparente pobreza dos materiais que apreende, fabricando com eles um universo pessoal. Se é ou não o mundo de Lobo Antunes, o espectador dirá. O mais relevante é que a sua obra se tornou cada vez mais pessoal e constitui, sobretudo, o mundo de Ana Carvalho. Se coincidir com aquilo a que chama o meu mundo tanto melhor para mim, pelo apreço que por ela tenho.

António Lobo Antunes





enredo

Encontro de Criadores e Programadores Artísticos

Pretende ser um momento de partilha de projetos, conhecimentos e experiências entre criadores e programadores.

A criatividade e potencialidade artística de um território e dos artistas que nele habitam deve refletir-se no conhecimento e reconhecimento das suas criações, para que o eco das suas produções toque nos interesses em comum, alcance e acrescente valor à tomada de decisão de quem programa.

O que este encontro sugere é que se estabeleçam e potenciem redes de contacto, oferecendo voz e visibilidade a criadores e projetos de natureza artística através de um espaço de apresentações dos artistas aos programadores.

O ENREDO é aberto a todas as forças vivas na dinâmica artística e cultural da região, sendo a Fundação Lapa do Lobo o ponto de encontro e diálogo.

O ENREDO é um encontro anual, realizado no Auditório Maria José Cunha, Fundação Lapa do Lobo.



As memórias dos outros

• • • • •

|as memÓrias dOs outrOs| são sete histórias revisitadas, reinterpretadas e remixadas audiovisualmente, analógica e digitalmente por nove artistas das áreas da música, design, videoarte e artes visuais: Adriana Ribeiro, Gabriela Carina, André Neto, Inês Costa, Inês Mendes, Jorge Rodrigues - “DESY CXXIII”, Mariana Lisboa - “albosi”, Pedro Sanches - “Pushkhy”, Tiago Rodrigues - “the animals lab”,

As fotografias são pedaços de vidas, emoções cristalizadas, instantâneos transformados em sucedâneos que tomamos quando temos saudades e queremos relembrar. Sendo o instante o mais pequeno espaço de tempo apreciável, quantas emoções, quantas sensações, quantas comoções, quantas memórias carregam uma fotografia?



“As memórias dos outros” são sete histórias, de sete famílias de desconhecidos. São sete coleções de diapositivos, momentos e mementos encaixilhados que percorrem os carros dos projetores, em direção às paredes vazias e brancas, inundando-as, deixando-as a escorrer memórias... as memórias dos outros. As obras dos artistas (uma delas construída com pessoas da aldeia) sobre cada história e consequente apresentação ao público, surge a questão:

Que memórias nos despertam as memórias dos outros?
 Para onde nos levam aquelas imagens, algumas em lugares que já visitamos ou até habitamos?
 Convidamos o público a uma viagem no interior, no seu interior, a uma viagem no tempo. ●





Museu do Falso

O Museu do Falso é um Museu de Território, composto exclusivamente por um acervo proveniente de criadores e agentes contemporâneos, cada um trabalhando na sua área direta de especialidade e competência, subordinando as suas criações/contribuições à premissa e conceito de “Simulacro”: E se um determinado evento tivesse ocorrido de modo diverso ao que efetivamente se verificou?

Deste modo possibilita-se a construção de “artefactos e documentos” que possam representar simultaneamente um revisitar da História; e, por outro lado, a adição de uma componente criativa direta. Os resultados desse processo existirão numa dualidade entre o “Falso”, evidenciado enquanto constructo e materializado na peça especificamente pensada e executada; e o “Verdadeiro”, o elemento ou bem cultural (de leitura patrimonial) pré-existente, sobre o, e a partir do, qual se cria.

Por tudo isso, se fará discutir a noção e pertinência das estruturas museológicas, o papel dos agentes criadores e, em última instância, a própria noção de História, como opção diária, dentro de uma lógica de “Ego História”.

O Museu do Falso, enquanto entidade, consagra uma lógica de participação aberta e a possibilidade de todo e qualquer interessado ser um potencial interveniente, quer pela amplitude de Núcleos e modelos de participação, quer pela possibilidade de, através de artefactualidades do domínio do ready-made, não se limitar a participação a quem possua particular ou destacada capacidade plástica ou artística. Assim e a par com o regime de criação artística, autoral e eventualmente curatorial, serão sempre mantidos processos complementares para a efetivação de criações partilhadas, colaborativas, e/ou espontâneas, bem como à criação direta por via comunitária. ●

Mais informações: www.museudofalso.projectopatrimonio.com

Lugares de abril

No dia **25 de Abril de 1974** o Movimento das Forças Armadas (MFA) levou a efeito um golpe de Estado através de uma ação militar, **derrubando a ditadura do Estado Novo** e iniciando um processo que levou à implantação de um regime democrático em Portugal.

Contrariamente às anteriores tentativas de derrubar a ditadura, a operação militar do 25 de Abril abrangeu todo o território nacional e estendeu ações seguintes tanto às regiões dos Açores e Madeira como aos territórios coloniais, mas foi em Lisboa que se concentrou o essencial da manobra militar.

Diversos locais da cidade ficaram ligados à ação do **Movimento das Forças Armadas e à conquista da Liberdade**, tanto os que estavam previstos no plano de operações e constituíam objetivos das forças revolucionárias, como aqueles em que ocorreram confrontos com forças do regime ou mesmo os que se tornaram locais emblemáticos da Revolução.

São esses locais que agora se assinalam, recordando que nenhum povo pode consentir na usurpação dos seus direitos.

24 de abril



22:55 horas

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
Avenida Elias Garcia, 162, 7º.

No dia 24 de Abril de 1974, localizava-se neste edifício, um dos Emissores Associados de Lisboa. Esta emissora foi a escolhida pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) para transmitir a senha que assinalou o arranque da operação militar contra o regime. Assim, às 22h55 do dia 24 de Abril, foi transmitida a canção "E Depois do Adeus", de José Niza, interpretada por Paulo de Carvalho.

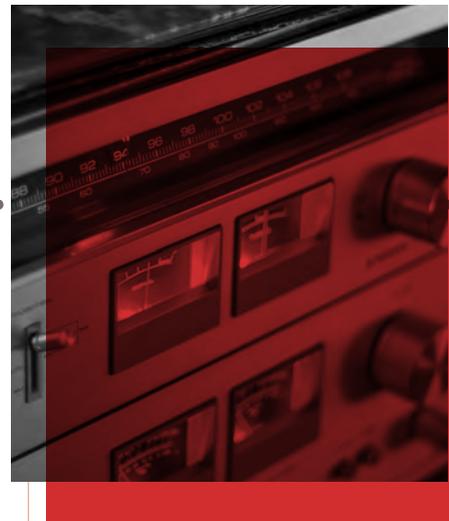
25 de abril



00:20 horas

RÁDIO RENASCENÇA
Rua Capelo, N°5, 2º.

No dia 25 de Abril de 1974, funcionavam nestas instalações, os estúdios da Rádio Renascença. O Movimento das Forças Armadas (MFA) escolheu esta emissora para a transmissão da senha de confirmação da operação militar contra o regime. Assim, às 00h20 desse dia, foi transmitida a canção "Grândola, Vila Morena", de José Afonso, no programa "Limite".





No dia 25 de Abril de 1974, estava aqui instalado o quartel da Escola Prática de Administração Militar. Daqui saiu pelas 02h50 desse dia, uma força com o objetivo de ocupar os estúdios do Lumiar da Rádio Televisão Portuguesa, situados na Alameda das Linhas de Torres.

ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR
Alameda das Linhas de TORRES, 179

02:50 horas



No dia 25 de Abril de 1974, estava instalada neste edifício a Emissora Nacional. O MFA incluiu-a no seu plano de operações como objetivo a ocupar, a fim de poder ser utilizada como emissora de reserva ao serviço do Movimento, e também para evitar que o regime pudesse utilizá-la a seu favor.

EMISSORA NACIONAL

Rua do Quelhas, 2

03:15 horas



03:00 horas

QUARTEL DO BATALHÃO DE CAÇADORES N.5º - BC5
Campolide - antigo Colégio de Campolide,
Travessa Estevão Pinto

No dia 25 de Abril de 1974, estava aqui instalado o quartel do Batalhão de Caçadores 5, de onde pelas 03h00 desse dia, saiu uma força constituída por 2 Companhias de Caçadores – uma para ocupar o Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira, e outra para garantir a segurança do Rádio Clube Português, na Rua Sampaio e Pina.





Era um objetivo a ocupar, segundo o plano de operações do MFA, a fim de impedir as comunicações com o exterior, evitando as fugas de responsáveis do regime e impedindo a chegada de reforços por via aérea.

AEROPORTO DE LISBOA
Alameda das Comunidades
Portuguesas - Portela
04:25 horas



25
de abril



No dia 25 de Abril de 1974, esta praça era o principal centro de poder político do Estado Novo. O Movimento das Forças Armadas (MFA) incluiu-a no plano de operações como um objetivo a ocupar nesse dia, por se tratar de um símbolo do poder a derrubar, mas também por aqui se situarem os Ministérios do Exército e da Marinha, através dos quais o regime poderia interferir na ação militar em curso.

TERREIRO DO PAÇO
06:10 horas



03:32 horas

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS - RCP
Rua Sampaio e Pina, 24

No dia 25 de Abril de 1974, estava instalado neste edifício o Rádio Clube Português. O Movimento das Forças Armadas (MFA) incluiu-o no plano de operações como objetivo a ocupar para servir como emissora do Movimento, através da qual seriam lidos os seus comunicados.



04:30 horas

**QUARTEL-GENERAL DO
GOVERNO MILITAR DE LISBOA**
Largo de S. Sebastião da Pedreira,
Palácio Vilalva

No dia 25 de Abril de 1974, estava aqui instalado o Quartel-General do Governo Militar de Lisboa. Por ser o posto de comando das Unidades da Região Militar de Lisboa e um centro de comunicações de grande importância.





O MFA incluiu estas instalações do Banco de Portugal no seu plano de operações como objetivo a defender, a fim de impedir o seu uso pelo regime ou qualquer assalto ou ainda intervenção exterior. A ação foi levada a cabo por uma força da EPC, depois da ocupação do Terreiro do Paço. A conquista do objetivo, com nome de código BRUXELAS, foi confirmada ao Posto de Comando do MFA às 06h10.

BANCO DE PORTUGAL
Rua do Comércio, 148
06:10 horas

06:10 horas

ESTUDIOS DA RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA (RTP)
Alameda das Linhas de Torre, 44, Lisboa

Localizavam-se aqui os antigos estúdios do Lumiar da Rádio Televisão Portuguesa. O MFA incluiu a RTP no seu plano de operações como objetivo a ocupar, a fim de evitar que o regime a pudesse utilizar em seu favor e também para poder servir como meio de informação ao serviço do Movimento.

Neste local desenrolaram-se várias ações resultantes da oposição entre as forças revoltosas da Escola Prática de Cavalaria de Santa-rém e as forças apoiantes do regime do Regimento de Cavalaria 7, no período das 06h30 às 10h30. Neste confronto, o capitão Salgueiro Maia arriscou a vida e alguns dos militares recusaram-se a abrir fogo contra os revoltosos. Algumas forças do regime acabaram por se juntar às forças da Revolução.

LOCAL DE CONFRONTO
Avenida Ribeira das Naus,
Lisboa

06:30 - 10:30 horas

Estava instalado neste edifício o jornal "República", onde o comandante Martins Guerreiro fez a entrega, pelas 11h00, do "Programa do MFA" aprovado pela Comissão de Redação do Programa.

SEDE DO JORNAL REPÚBLICA
Rua da Misericórdia, 116

11:00 horas

07:00 - 10:30 horas

RUA DO ARSENAL

No dia 25 de Abril de 1974, desenrolaram-se neste local várias ações resultantes da oposição entre forças revoltosas da Escola Prática de Cavalaria e forças apoiantes do regime, do Regimento de Cavalaria 7.

07:00 horas

PONTE 25 DE ABRIL
Avenida da Índia

A ponte sobre o Tejo, então designada Ponte Salazar, constituía um ponto sensível que assegurava a ligação a Sul, pelo que foi interdita, cerca das 07h00, por uma companhia da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas comandada pelo capitão Jorge Manuel Mira Monteiro

25
de abril

As instalações da Casa da Moeda estavam no plano de operações do MFA como objetivo a defender, a fim de impedir qualquer assalto ou intervenção exterior.

CASA DA MOEDA
Avenida António José de Almeida,
Lisboa

14:30 horas



É o mais simbólico de todos os locais da Revolução. O Quartel da GNR esteve cercado por uma força da EPC, comandada por Salgueiro Maia. Marcelo Caetano, primeiro-ministro, esteve aqui refugiado desde as 06H00 e foi aqui também que o General Spínola recebeu o poder em nome do MFA, pelas 18H30, ato que marcou a vitória dos revoltosos e o triunfo da Revolução.

LARGO E QUARTEL DO CARMO

18:30 horas



14:00 horas

COMANDO-GERAL DA LEGIÃO PORTUGUESA
Largo da Penha de França

No dia 25 de Abril de 1974, estava aqui instalado o Comando da Legião Portuguesa. Por ordem do Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas (MFA), uma força da Escola Prática de Cavalaria de Santarém, saída do Terreiro do Paço e comandada pelo major Jaime Neves, ocupou estas instalações pelas 14H00, evitando qualquer tentativa de oposição às forças revoltosas.



21:00 horas

COLÉGIO MILITAR
Largo da Luz

O Colégio Militar acolheu, pouco depois das 21h00, a força da EPC, comandada pelo capitão Salgueiro Maia, depois de esta ter cumprido os seus objetivos iniciais e de ter assumido o papel de principal braço armado do MFA no triunfo da Revolução.



A sede da Direção Geral de Segurança, antiga PIDE, polícia política do regime, esteve cercada por populares e militares logo na manhã do dia 25. Durante o cerco vários elementos da PIDE dispararam sobre a população, por volta das 20h15 do dia 25, matando quatro pessoas, as únicas vítimas resultantes da Revolução.

SEDE DA PIDE/DGS

Rua António Maria Cardoso, 22, Lisboa

entre a manhã de 25 de abril e as 09h00 de 26 de Abril

Foi neste local que o povo de Lisboa demonstrou a sua completa adesão à Revolução, acompanhando as operações militares em curso. Aqui passou a força de Salgueiro Maia vinda do Terreiro do Paço a caminho do Largo do Carmo, por volta das 12h00. Também foi aqui repetido o gesto de Celeste Caeiro, que entregou a um militar um cravo que este colocou no cano da sua espingarda, transformando esta flor no símbolo da Revolução Portuguesa.

ROSSIO



entre as 09:00 horas e o fim da manhã

RIO TEJO EM FRENTE AO TERREIRO DO PAÇO

Frente ao Cais das Colunas, no Tejo, posicionou-se a Fragata "Almirante Gago Coutinho", atuando ao serviço do regime, vindo a receber ordens para disparar sobre as tropas revoltosas da EPC, estacionadas no Terreiro do Paço. A ordem não foi cumprida.

22 a 25 de abril

ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES - EPT
Rua de Sapadores, Graça, Lisboa

Ficava aqui a EPT, onde se organizou um núcleo de militares do MFA que levou a efeito vários objetivos do plano de operações com destaque para o lançamento clandestino de um cabo telefónico, entre 22 e 24 de abril, do quartel dos Pupilos do Exército até ao Posto de Comando do MFA, na Pontinha.

“

Nem todos os futuros são para
desejar, porque há muitos
futuros para temer.

António Vieira

em *História do futuro* 1718 1.ª edição

Edição utilizada: “História do futuro”, Temas e Debates (2015)

100º aniversário da Revolução dos Cravos



Daqui a 50 anos, em 2024, festeja-se o 100º aniversário do 25 de abril. **Que pensam os mais novos que irá acontecer nesse dia?** Entre a esperança de mais permissão para passar os dias a jogar à bola e o receio de menos liberdade para fazer as coisas normais do dia-a-dia, ficou a certeza que o Atelier das Artes da Fundação Lapa do Lobo, da monitora Lia Alvalá, é espaço de criatividade, frequentado por crianças fecundas, conscientes e com muito habilidade para as artes. **Se a liberdade fosse algo palpável, podia ser uma bola de futebol, um piano, uma borboleta ou uma flor. Se fosse uma cor, dizem elas, tinha as cores do arco-íris.**

Mania Laura Pais

25 de Abril
de 1974



VIVA A
LIBERDADE



Martina F.

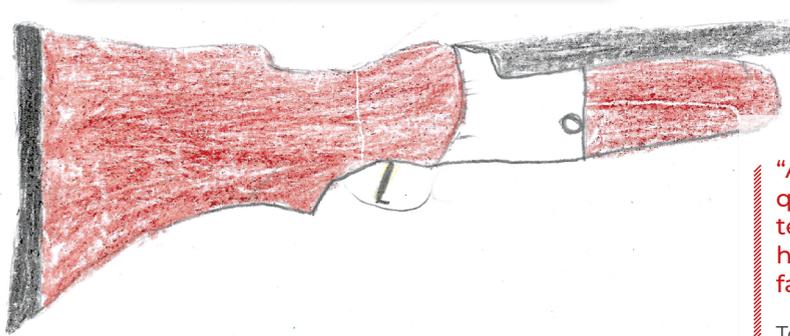


"A liberdade é ser livre para fazer coisas. Daqui a 100 anos vamos festejar na rua. Compramos cravos e vamos festejar nas ruas com os nossos filhos."

Beatriz Borges Santos, 9 anos
Lapa do Lobo

"A liberdade é poder fazer coisas com permissão. Nos 100 anos da revolução vamos fazer o que quisermos. Vai haver mais amor na vida e mais paz."

Matilde Duarte Dias, 9 anos,
Lapa do Lobo



"A liberdade é poder ver televisão quando eu quiser. Eu vou estar a ver televisão todo o dia. Acho que vai haver tanta liberdade que podemos fazer o que quisermos".

Tomás Dias Pais, 9 anos
Lapa do Lobo

25 de Abril

25 de Abril

"A liberdade é fazer o que quisermos. Quando forem os 100 anos da liberdade vamos poder brincar com o que quisermos, mas se calhar temos menos coisas para brincar".

Joana Loureiro Rodrigues, 5 anos
Nelas

Lorenzo

Viva ao 25 de abril

Feliz dia da liberdade
25 de abril



Matilde





“Liberdade é ver um jogo de futebol. Cada criança, daqui a 100 anos, vai fazer aquilo que lhe apetecer fazer”.

Miguel Mendes Cancela, 8 anos
Vale de Madeiros

LIBERDADE

“Liberdade é expressar os nossos sentimentos. Nesse dia vamos expressar-nos como quisermos. Até acho que vai haver liberdade a mais, que nem vai dar para controlar.”

Leonor Moitas, 10 anos
Canas de Senhorim

LIBERDADE

LIBERDADE

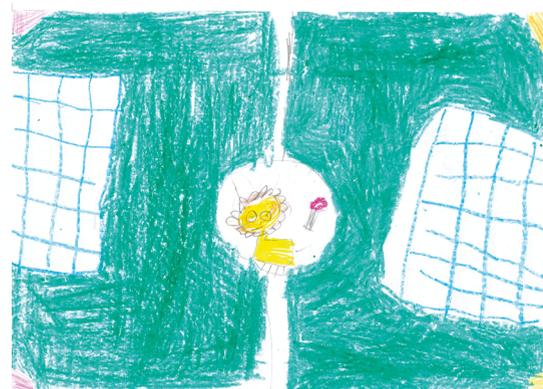
“Liberdade é respeitar os outros. Daqui a 100 anos vamos poder fazer muitas coisas, se respeitarmos os outros, porque ou vai haver muita liberdade ou muito pouca liberdade”.

Maria Laura Pais, 10 anos,
Vale de Madeiros

LIBERDADE

“Liberdade é pensar o que quisermos e fazermos o que quisermos, mas com regras. Por isso, vamos festejar, mas dentro dos limites. Acho que vai haver menos liberdade”

Matilde Fernandes, 10 anos,
Carvalhal Redondo



Há **10** anos na Fundação Lapa do Lobo

Embora a Fundação Lapa do Lobo tenha iniciado a sua atividade em 2007, o aniversário é simbolicamente festejado a 9 de outubro, dia em que, no ano de 2010, inaugurou o edifício sede.

Nestes 14 anos de atividade, muitas foram as iniciativas, que envolveram um sem número de pessoas, de diferentes idades, in-

teresses e desejos, confirmando o sentido eclético da Fundação Lapa do Lobo.

Tal como experimentámos na edição anterior da “Uivo”, decidimos voltar a viajar no tempo e abrir os arquivos do passado, regressando a 2014, para espreitar o que se fazia na Fundação Lapa do Lobo há 10 anos.



Apresentação do livro (junho de 2014)

O LOBO DA LAPA

Em junho de 2014, o Auditório Maria José Cunha lotou e o motivo foi a apresentação do livro “O Lobo da Lapa” – uma obra desenvolvida pela própria população da Lapa do Lobo, que acedeu em massa ao convite feito pela Fundação Lapa do Lobo para estar presente no lançamento da obra.

A tarde começou com a exibição de um curto filme, que introduziu e contextualizou o livro, abordando a lenda do lobo que se refugiava na Lapa de Santa Catarina, protegendo os rebanhos dos outros lobos. Lenda que foi o mote de toda a história do livro.

Seguiu-se uma intervenção de Maria do Carmo Batalha que, em nome da Administração da Fundação Lapa do Lobo, agradeceu a todos os envolvidos e deu os parabéns a todos os participantes no livro, quer os que escreveram, quer os que facultaram fotografias.

Depois, foi a vez de Rui Fonte, coordenador da Biblioteca da Fundação Lapa do Lobo e coordenador do projeto, partilhar algumas palavras e histórias com a ajuda de algumas pessoas, referências históricas da Lapa do Lobo. Falamos de Fernanda Costa, Salomão Fonseca, Ilda Fonseca, Clarinda Fonseca e José Joaquim Andrade. Todas estas pessoas contribuíram para a elaboração do livro através de entrevistas onde contaram histórias de uma Lapa antiga. Infelizmente, três delas já não se encontram entre nós.

A terminar a apresentação, subiu ao palco Ricardo Silva, na altura com apenas 10 anos, que discursou e emocionou todos os presentes com as suas palavras, demonstrando que o “Lobo da Lapa” é um livro para todas as gerações.



Visita-Oficina à Exposição Autor entre Autores
(abril e maio 2014)

Livros Fechados Com Mundos Lá Dentro

A Fundação Lapa do Lobo lembrou os 40 anos da revolução de 25 de abril com uma conferência, moderada por Carla Marques, seguida da inauguração da exposição Autores entre Autores. Um convívio, que juntou grande parte dos autores dos concelhos de Carregal do Sal e de Nelas, numa clara celebração à liberdade de criação e informação. Vários livros puderam ser apreciados na Galeria de Exposições da Fundação Lapa do Lobo, numa exposição que reuniu cerca de sessenta obras, de mais de trinta autores naturais da área de abrangência da Fundação Lapa do Lobo.

A exposição deu origem à Visita-Oficina “Livros fechados com mundos lá dentro”, criada e orientada por Ana Lúcia Figueiredo e Rui Fonte, direcionada para alunos do ensino pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Foram, no total, 28 sessões em 9 dias, em que os visitantes, através de um percurso entre livros e manuscritos, foram convidados à compreensão e à criação através do objeto expositivo.



Comemoração do Dia Mundial da Criança (maio 2014)

Festa da Criança

O Dia da Criança são todos os dias e, por isso, nesse ano, a Fundação Lapa do Lobo festejou a efeméride por antecipação, no dia 31 de maio.

As diferentes valências artísticas e educativas da Fundação Lapa do Lobo (FLL) juntaram-se para programar um dia dedicado à criança, com propostas para toda a família: do teatro à literatura, das artes plásticas à música, sem esquecer o cinema.

A Festa começou de manhã, com o espetáculo de teatro, música e magia Opostos Bem-Dispostos, programado pelo Projeto Alcateia – Serviço Educativo da FLL. Ao início da tarde, o convite foi para o Encontro de Autor, organizado pela Biblioteca da FLL, com a escritora Maria João Lopo de Carvalho, que escreve também para crianças e jovens. Seguiu-se Traquinices Sonoras, com uma apresentação de voz e instrumentos de percussão dos Alunos de Iniciação Musical da FLL. Entretanto, descobriram-se “Animais à solta no Jardim”, uma instalação visual com esculturas em papel machê dos grupos de crianças e jovens do Atelier das Artes da FLL. Ao fim da tarde, ouviram-se Momentos Musicados, com as guitarras e os violinos do Grupo de Cordas da FLL. O dia terminou da melhor forma, com “The Kid”, de Charlie Chaplin, numa sessão de cinema com o Cine Clube de Viseu.

Entre as diferentes propostas artísticas, cerca de 300 pessoas participaram nesta Festa.



Apresentação Final Workshop “Falar em Público – 2ª Edição” (setembro/outubro 2014)

Decorreu entre os dias 29 de setembro e 2 de outubro a 2.ª Edição do Workshop “Falar em Público” na Fundação Lapa do Lobo. Durante estes 4 dias e em horário pós-laboral, 10 formandos participaram nesta formação orientada por Carla Marques – Doutorada em linguística, na área da argumentação oral.

O resultado desta formação foi apresentado no dia 3 de outubro, perante um auditório praticamente cheio, com muitos familiares, amigos e convidados dos participantes. No final a opinião foi unânime – todos conseguiram aprender imenso e ultrapassar alguns medos de subir a um palco e falar em público.

Ficaram, além das muitas técnicas adquiridas, a amizade e companheirismo que estas formações vão deixando.



O Batalhão da Noite

DE TEODORO BENJAMIM
ASTROLÁBIO EDIÇÕES (2023)

Este livro não é sobre Guerra. Aliás Evaristo considera-se um pacifista. Podia ser um banal velho (idoso, como alguém quererá certamente corrigir), mas isso não faria dele o protagonista desta história. Ávido de saber, vive colecionando livros, que lhe são fornecidos pelo seu batalhão pessoal, o Batalhão da Noite (sonante, não é?). Para além disto, tem uma visão muito própria do mundo que o rodeia, fruto da sua longa e recheada experiência neste planeta. Nem sempre concorda com a maneira como o mundo evoluiu (aliás raramente o faz), situação que o leva a ter relações algo peculiares com coisas tão banais como bancos de jardim de madeira ou livros de autoajuda.

Nesta espécie de viagem no tempo e no espaço, desde a Roma Imperial ao extremo do Cabo da Boa Esperança, esta obra leva-nos a conhecer um pouco do passado e do presente de Evaristo, enquanto este cumpre um castigo com origem em tempos quase imemoriais.

Um relato condimentado de algum humor, mas também crítica, que pretende não só contar uma história, mas também refletir sobre o estado do mundo e da sua constante mudança.



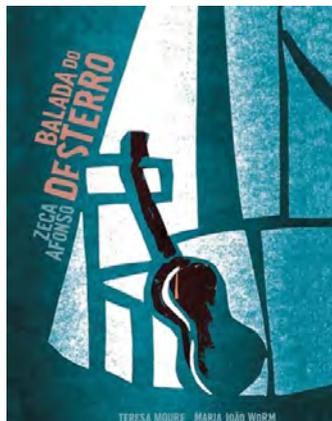
Um Cão no Meio do Caminho

DE ISABELA FIGUEIREDO
EDITORIAL CAMINHO (2022)

Este novo romance de Isabela Figueiredo, a que ela deu o sugestivo e justificado título de Um Cão no Meio do Caminho, conta-nos as histórias de um homem e de uma mulher que sofrem, cada um à sua maneira, um dos grandes males da vida moderna – a solidão. Neles a solidão é a resposta aos violentos acidentes com que a vida os agrediu.

As sociedades modernas vivem sobre a violência. Mas há quem a recuse, como é aqui o caso de José Viriato e da sua misteriosa vizinha, Beatriz, que todos conhecem como a Matadora. O acaso junta-os, como o leitor verificará com a leitura deste livro. Que resultado obtemos quando se juntam duas solidões?

É esta a questão que este novo romance da autora do aclamado A Gorda vem equacionar, deixando a resposta ao critério de cada leitor. Eventualmente um cão pode ajudar.



Zeca Afonso

A Balada do Desterro

DE TERESA MOURE (TEXTO)
E MARIA JOÃO WORM (ILUSTRAÇÃO)
TRADISOM (2023)

Zeca Afonso é visto, décadas depois, por duas mulheres. A Teresa Moure, galega, escreve a história; a Maria João Worm, portuguesa, ilustra-a. Ambas sentem fascínio por aquele homem que cantava causas políticas. Mas, entre palavras e silhuetas, ambas tecem uma rede para sustentar um Zeca mais íntimo do que habitualmente os seus camaradas lembram. Porque, às vezes, os grandes nomes da história aparecem no momento certo e nas circunstâncias propícias para serem considerados símbolos, mesmo ao seu pesar. Porém, antes de se tornar o cantor famoso que deu voz à Revolução dos Cravos, o Zeca também foi um menino que cresceu em terras africanas, um homem que se impregnou nas suas viagens das cores de muitas terras.

Num concerto na Galiza, onde foi venerado, conversa com a sua amiga Begónia Moa e começa a desvendar alguns segredos. As suas preocupações mostram que está feito de carne humana; carne vulnerável que palpita e duvida, que vibra ao contacto com outras peles e depois teme tê-las magoado, que persegue dar um sentido à vida. Também à morte.



Imagens de uma Revolução

25 de Abril e a Banda Desenhada

DE JOÃO MIGUEL LAMEIRAS,
JOÃO PAULO PAIVA BOLÉO E
JOÃO RAMALHO-SANTOS
A SEITA (2023)

O 25 de Abril de 1974 é uma data fundamental da História de Portugal. Agora que passámos a viver mais tempo em Democracia do que em Ditadura, é importante, não só comemorar Abril, mas lutar contra o esquecimento. A Banda Desenhada, pela forma única como conjuga texto e imagem, foi utilizada de forma intensa para transmitir as mais diversas mensagens, antes e depois da Revolução, revelando-se um meio privilegiado para fixar a nossa História de forma dinâmica e atrativa sem abdicar do rigor.

Este livro profusamente ilustrado parte de anteriores trabalhos dos mesmos autores sobre a forma como o 25 foi tratado na BD, para construir uma visão global e atualizada das imagens que perduram da Revolução, por quem a viveu, e por quem ainda não era nascido em 1974.



As estrelas não são todas douradas

DE ANA FILIPA CORREIA
EDIÇÃO DE AUTOR (s.d.)

Alice vivia numa casa pequenina no meio do campo, cercada de jardins de túlipas com borboletas de todas as cores, onde por vezes apareciam uns papagaios e umas tartarugas.

Adorava pintar todo o tipo de animais, desde girafas a chimpanzés...

Mas esta menina sentia-se muito triste porque não tinha amigos para brincar, até que um dia encontrou o Sebastião...



Simãozinho Baltazar

DE ANDRÉ PEREIRA (TEXTO)
SARA VIEIRA VASQUES (ILUSTRAÇÃO
E COMPOSIÇÃO)
EDIÇÃO DE AUTOR (2023)

Um livro infantil também para crianças.

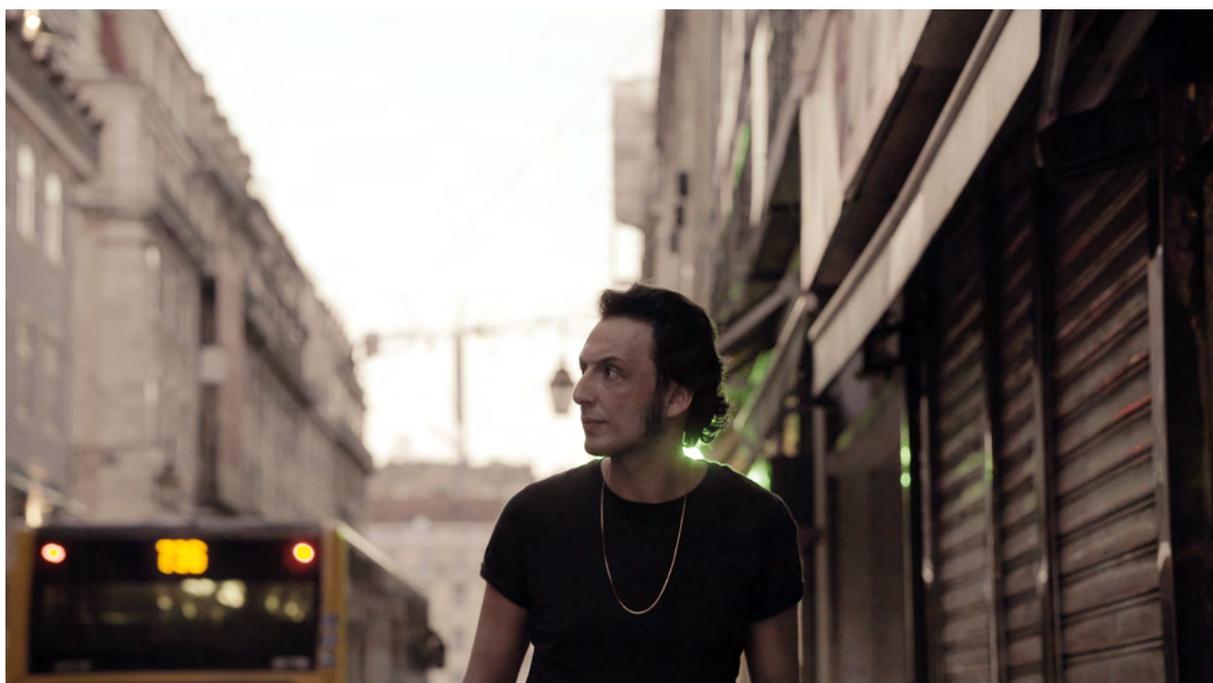
Era uma vez um menino muito, muito pequenino: Simãozinho Baltazar. Adormece sem ter medo, mas tem um grande segredo: ele não consegue sonhar. Ele bem tenta, mas tudo o que ele inventa não inventa, é realidade. E ele anda triste, apenas vê o que existe. Só não vê felicidade. Mas será que aquilo que ele vê é exatamente o que é ou é, isso sim, ilusão? Se calhar, é a brincar e estamos todos a sonhar. Só Simãozinho é que não.

Samuel Úria

Nascido no decote da nação, entre o Caramulo e a Estrela, Úria leva para os palcos o blues do Delta do Dão. De lenda rural para lenda urbana, tudo está certo: meio homem meio gospel, mãos de fado e pés de roque enrole.

Com uma proveniência marcada pelo punk, pelo rock'n'roll e pela estética low-fi, Samuel Úria tem ganho notoriedade desde 2008. Da sua discografia "oficial" em nome próprio, constam quatro LP e dois EP – "Canções do Pós-Guerra_solo"(2021); "Canções do Pós-Guerra" (2020); "Marcha Atroz" (2018); "Carga de Ombro" (2016); "O Grande Medo do Pequeno Mudo" (2013); e "Nem Lhe Tocava" (2009). Já na "não oficial" e associada à editora Flor Caveira, dois CD-R e um EP-R - "O Caminho Ferroviário Estreito"; "Em Bruto"; e a "Desconexão de Samuel Úria".

A somar, colaborações nos projectos "Velhas Glórias", "Ninivitas" ou "Maria Clementina". A par de prestações ao vivo vibrantes e inesquecíveis, Samuel Úria destaca-se entre pares pela sua singularidade no uso da língua materna, as suas canções podem ser encontradas no repertório de Ana Bacalhau, Ana Moura, António Zambujo, Cindy Kat, Clã, Cláudia Pascoal, HMB, Marta Hugon ou Miguel Araújo, consagrando-o como o mais interessante cantautor do século XXI. Ainda no campo da composição, recentemente teve oportunidade de ser responsável pela banda sonora da série da SIC "Prisão Domiciliária" e, para uma encenação de Sandra Barata Belo sob um conto de Afonso Cruz, compôs para a peça "Cochinchina".



Fotografia: Joana Linda

Revolução (sem) Sangue

REALIZAÇÃO DE RUI PEDRO SOUSA (2024)

1h 43 min | M/12

Baseado em factos reais, “Revolução (Sem) Sangue” acompanha as vidas, sonhos e inquietações de quatro jovens nos últimos dias do regime ditatorial.

Um golpe de Estado militar derrubou o Governo e a população foi aconselhada a permanecer em casa. No entanto, a ânsia pela liberdade levou-os, junto com a multidão, para as ruas.

Com origens e motivações diferentes, o dia 25 de Abril de 1974 trouxe-lhes um destino comum. O dia que mudou o rumo do país ditou também o fim precoce das suas vidas.

Esta é a história das suas vidas, uma história onde todos nos podemos rever um pouco na memória de cada um e confirmar que há uma raiz comum nas diferentes gerações.

Género: Drama

Argumento: Amp Rodriguez e Rui Pedro Sousa

Elenco: Diogo Fernandes, Manuel Nabais, Lucas Dutra e Rafael Paes.



“

Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.

A Infâmia Contemporânea

POR VASCO D'AYALA



Vasco d'Ayala (Vasco Saraiva de Menezes de Ayala Serôdio) nasceu a 28 de agosto de 2002 em Lisboa, Portugal. é escritor, guionista, realizador e diretor de fotografia.

Há alguns anos que faço questão de colocar as perguntas “o quê” e “porquê” a tudo o que me aparece à frente, como uma espécie de capricho intelectual. Pergunto as seguintes questões enquanto estou num avião, à espera que descole, em direcção a Madrid: mas que raio é, realmente, um aeroporto? Será que é um conjunto de salas e corredores brancos uniformizados que, à medida que avançamos, não podemos voltar atrás? Mas será que também pode ser um sítio muito giro que promete uma gratificante viagem e a compra de certas mercadorias? E o que é um avião? Sempre que estou aterrorizado pela mais pequena turbulência começo a questionar o que são realmente estes brinquedos de plástico que deixamos chegar aos 12 mil metros. Chamando-lhe um impulso de criança ou um método socrático, este “porquê” torna tudo um pouco mais demente do que realmente é, mas permitem-me propor esse exercício durante um pouco. O que me interessa mesmo não é falar de aeroportos mas sim do nosso presente, do nosso século, da nossa História... o que quero mesmo é falar do contemporâneo. Mas o que é o contemporâneo? Porquê falar sobre ele? Quais são os problemas contemporâneos? Quais são as acções contemporâneas? Será que o contemporâneo é a Internet? Será que é

as ideias discutidas sobre raça e género? Será que o contemporâneo é a Taylor Swift, as roupas de cores intensas e artificiais, os cabelos pintados, as raves e os estupefacentes? Mas o contemporâneo também é as doenças mentais, a pandemia, as crises ambientais, as histerias políticas, os acidentes de avião, o conhecimento imediato de tragédias com milhares de vítimas, os barulhos estridentes do metal, as luzes incandescentes, os reflexos distorcidos em todas as superfícies, os ecos das cidades, os arranha céus onde já nem parece pertencer o Homem, o abuso maximalista de imagens e sons...

O que me parece mais complicado será considerar este primeiro contemporâneo com o segundo. O contemporâneo aparente, da espuma dos dias e adicionar-lhe o contemporâneo danado, demente e futurista. Mas porquê querer desbravar o que é o contemporâneo? Já que estamos engolidos por esta quimera chamada História, o mínimo que devemos à nossa capacidade de Razão é tentar olhar para “o sorriso demente do seu século”¹. Penso que esta é a missão mais inglória e complexa que um pensador ou, que todos os pensadores procuram, pois o homem que analisa o seu tempo tem como reflexo odiá-lo. Infelizmente, é impossível escapar-lhe e viver

na casa de campo de Combray do Proust ou nas pólis com os sofistas. Segundo Agamben, “pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade.”¹. Admito que excita-me ver a representação do contemporâneo como uma paisagem urbana. Tomemos em Lisboa, a Praça do Rossio, que, à noite, está bem iluminada pelas belas luzes âmbar Lisboetas, porém existem áreas onde carece a iluminação e será sempre aí, nos cantos escuros e duvidosos da paisagem urbana, onde há a potência de acontecer as acções mais inexplicáveis e horríveis, claro. Será preciso deixar de ser cegado pela poluição luminosa da cidade e pelas tentações aparentes da vida cosmopolita e procurar os becos escuros e sujos da cidade e da condição humana para encontrar o verdadeiro contemporâneo. Com isto, acho que não há somente os dois contemporâneos referidos anteriormente, mas há um terceiro mais profundo, difícil de atingir e sistematicamente a conspirar nas sombras.

Tendo estes becos escuros em conta, eu acredito que a melhor forma de representarmos o olhar louco de um tempo em movimento será sempre a partir dos elementos mais escuros, das acções mais questionáveis, das emoções mais perversas, e dos homens mais infames. Penso que nestes becos escuros, os homens infames é que encontraremos e estas personagens mais duvidosas irão conter em si as maiores depravações do seu tempo, esclarecendo os sintomas de um momento da História.

Um homem infame poderá ser portador de um tempo como sugerem os textos reunidos por Foucault em “A vida dos homens infames”. Mas que homens infames são estes? Desde os anónimos de Foucault como o “Frade apóstata, sedicioso, capaz dos maiores crimes, sodomita, ateu até mais não poder ser (...)”² até a figuras como Gilles de Rais, Marquês de Sade, Raskólnikov de “Crime e Castigo”, Lúcio da “Confissão de Lúcio”, Yozo de “Um Homem em Declínio”, Travis Bickle

em “Taxi Driver”, Johnny de “Naked” e tantas figuras contemporâneas escusadas de referências ou acusações. Estas figuras históricas também nos dizem muito acerca de uma medida da moral dos seus tempos, mas não é isso que me interessa. Que inquietações, dos seus loucos séculos, levadas a um paroxismo conseguem criar tamanha infâmia num só homem?

No meu ofício, o da representação a partir da imagem em movimento, eu escolhi este manifesto como a minha absoluta máxima. Os homens mais infames são, não só um grande desafio de representar, mas ainda mais de os ter como narradores de um discurso cinematográfico. A grande necessidade do discurso indirecto livre no cinema, apresentada por Pasolini, e esclarecida por Deleuze, sugere uma representação cinematográfica em que a câmara adopta uma linguagem que torna-se ambas, um acompanhar da personagem, como também o olhar da própria personagem (“o “ser-com” da câmara”). Como posso ter este homem infame como minha personagem e ser também ele o narrador. Infelizmente, o cinema não tem tantos luxos como a literatura, pois eu não posso encantar o leitor com a minha linguagem (as imagens são mais cruéis e cruas do que a escrita). Estou a tentar definir um protagonista infame que age e reflecte-se ao mesmo tempo. Acerca do discurso indirecto livre, Deleuze diz que “é bom com efeito que a personagem seja neurótica, para melhor indicar o nascimento difícil de um sujeito no mundo”³. Naturalmente, os meus homens infames do cinema contemporâneo não são psicopatas diagnosticados e absolutos. O que eu desejo realmente são as personagens difíceis e o desafio de criar uma dialética entre o “com” da câmara e o “ser” da câmara. O real desafio será filmar o mundo exactamente como estes homens infames o vêem e assimilam. Mas como é possível tamanha missão numa era tão limpa e puritana? Resta-me enganar a audiência com os antigos truques dos grandes cineastas (Hitchcock, Visconti e Pasolini). Que truques são estes? Isso fica para outro texto.

¹ AGAMBEN, G., 2009. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, Brasil: Editora do Unochopecó

² FOUCAULT, M., 2009. O que é um autor?. Lisboa, Portugal: Passagens

³ DELEUZE, G., 2016. A IMAGEM-MOVIMENTO. Lisboa, Portugal: Documenta



Ilustração: Maria, Moraes
Criado em Adobe Firefly

A rádio

Apesar de muitos lhe adivinharem o desaparecimento, a rádio sobreviveu à televisão e, anos mais tarde, ao advento da internet. Tem sido uma forma privilegiada de comunicar e, adivinha-se, também se vai adaptar ao mundo digital e à invasão do podcast.

Crê-se que a invenção da rádio começou em 1888, com Heinrich Hertz. Ele produziu e detetou ondas eletromagnéticas com frequência muito menor do que a da luz, principal motivo para conseguirmos transmitir áudio sem precisar de fios. Em 1899, o inventor Guglielmo Marconi fez o primeiro sistema de telégrafos sem fios. Porém, muitos atribuem o mérito da criação da rádio a Nikola Tesla, pois Marconi utilizara 19 patentes de Tesla no seu projeto.

Acredita-se que a primeira transmissão radiofônica aconteceu nos Estados Unidos da América, em 1906, pelo físico Lee de Forest, numa experiência que pretendia testar a válvula triodo, dispositivo utilizado para a amplificação de sinais.

Em Portugal, uma das transmissões mais importantes para a história do país foi quando, às 22h55 do dia 24 de abril 1974, os Emissores Associados de Lisboa transmitiram a música “E depois do adeus”, de José Niza, interpretada por Paulo de Carvalho, dando início à Revolução. ●



FUNDAÇÃO
LAPA DO LOBO